



ALMA NOVA

NÚMERO DO NATAL

MCMXXIII

: Director Literário e Gerente :

: : Mafeus Moreno : :

: : Director Artístico : :

J. Saavedra Machado

ALMA NOVA

: : : Secretário Geral : : :

Rebello de Bettencourt

: : : REDACÇÃO : : :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : : LISBOA : : :

: : PROGRAMA : :

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Muria (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luis Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Dr. Maquias Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

III SÉRIE — N.º 10, 11 e 12 : : : DEZEMBRO de 1923

: : SUMÁRIO : :

<i>Diogenes</i> , por Martinho da Fonseca	117	Exposições de Arte: a de Mário Reis, Varela Almeida e Mário Santos (e 3 quadros), por S. M.	132
<i>O Natal</i> (c. 1 il.), por José Guerreiro Muria	118	<i>5 Independentes</i> , por Henrique de Vilhena (e. uma l. do aspecto geral e 1 quadro do Dórdio Gomes)	133
<i>Sonho do Natal</i> , soneto de António Ferreira Monteiro (c. retrato do autor, por Martinho da Fonseca)	119	<i>Rafael Bordalo e as mulheres</i> , por Saavedra Machado	137
<i>O Natal Português</i> (esboço etnográfico), por Luis Chaves (c. 1 il.)	120	<i>Evangélicos da Língua</i> , por Al. Lopes Vieira	138
Os nossos Poetas: Gomes Leal, e <i>portrait-charge</i> de Celso Herminio, e <i>Respiga</i> , soneto de António Moreno	123	Arquitectura: <i>Projecto de fachada</i> , por Jorge Segurado (micrometa)	139
Recordar... reviver: Luis Calado Nunes (c. r.), por Cruz Magalhães	124	A «Alma Nova» nas provincias: <i>O Algarve e a sua autonomia administrativa</i> — fala o Dr. Maurício Monteiro (c. o retrato do entrevistado)	140
<i>Uma coroação na minha aldeia</i> , por M. da Silva Carreiro (c. 1 il. de Domingos Rebello)	125	Turismo: <i>Entrevista com o professor M. Pereira da Silva</i> (c. 1 des. de E. Romero)	141
Ritmos... <i>Eles e Eles</i> , por José Brandão, e <i>A Cadeirinha</i> , por Luis d'Oliveira Guimarães	126	<i>Subsídios para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> , pelo ten. José Brandão (Cont.)	142
Ciência e Filosofia: <i>A Política Moderna</i> , por Gustavo Le Bon	127	Notas & Comentários (com uma fotografia)	143
Arte: <i>O Pintor Manuel Jardim</i> (c. 1 busto do Francisco Franco), por Saavedra Machado	129	<i>O Louco Amar</i> , novela, versão de Fidelino de Figueiredo	144
<i>A «Alma Nova» e a Arte</i> , por Saavedra Machado	131	Figuras do mês: <i>Manuel Teixeira Gomes</i> , por M. M.	145
		<i>Da Verdade</i> , por João José Gomes, escultor (c. 2 il.)	146
		Livros: <i>Balango do Outono</i> , e apreciações	147

EM SEPARATA: *Sentinelas*, por Saavedra Machado; *O Pintor Manuel Jardim*, auto-retrato; *Baigneuse*, escultura de Diogo de Macedo; *Rapariga minhota*, por Saavedra Machado

: : Capa de SAAVEDRA MACHADO : :

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) \$500; Semestre (6 n.ºs) \$800; Ano (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas. O número de páginas de cada fascículo é variável, não tendo porém nunca cada volume anual (de 12 números) menos de 144 páginas de texto e 12 separatas de Arte.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,,

ALMA NOVA

REVISTA DE RESURGIMENTO NACIONAL

III SÉRIE

LISBOA — DEZEMBRO DE 1925

NÚMEROS 10-12



DINORAH — POR MARTINHO DA FONSECA

ADQUIRIDO PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA,
NA XX.^a EXPOSIÇÃO DA SOCIED. NAC. DE BELAS-ARTES

O NATAL

Foi há dois mil anos que lá para as bandas da Palestina nasceu o Menino-Jesus.

Desde esse dia até hoje têm-se destruído impérios, os poderosos têm-se reduzido ao nada, têm-se esquecido os grandes feitos, mas o nascimento de Jesus Cristo continua a ter um altar no coração do povo.

É esse altar que aparece definido, materializado nos lindos presépios, um dos ornamentos mais encantadores da alma popular. Com as características da vida regional bem vinculadas, o presépio oferece aos olhos a majestade dum trono; mas destila na alma a humildade das palhas em que Maria o envolveu. Há nele ingenuidades pueris, mas há também pormenores curiosos, revelações artísticas, verdadeira inspiração rústica que o tornam um monumento belo do folclore português.

No sul adivinha-se no presépio a herdade alentejana, onde não falta a searuzinha que mãos de donzelas semearam em pires e chávenas. No Algarve não se esqueceram as douradas laranjas a lembrar na poeirada da luz as estrelas que presenciaram o aparecimento do Messias e, igualmente, lá se contempla o verde cêr de esperança do trigo misturado com o verde-escuro da murta, e flor da Vénus, deusa do amor.

E o Natal da Província que tem mais encantos, mais beleza mistica.

Mal se entra na segunda quinzena de Dezembro começam os comboios a despejar pelas aldeias caras novas e elmas novas. Um ambiente festivo paira por toda a parte. São abraços dos velhos companheiros da escola, beijos da família, olhares meigos das antigas conversadas que nesses dias acolhem com um corinho de perdão aqueles que fizeram alvorecer os seus amores primeiros? São estudantes que regressam a férias ciosas das soppas paternais e desejosos de ver as pequenas da sua terra. São os apaixonados que de longe vieram ver as suas noivas, provando-lhes que a separação rebusca a dedicação forte, conforme um pensamento que reza assim:

«A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, à semelhança do vento que apaga uma vela, mas que aleia um incêndio.»

Na noite de Natal não há casa nenhuma do campo que não ponha na lareira um madeiro enorme, ceppo ressequido que ha-de arder até aos Reis e que possui a virtude de fazer milagres... Em certas terras algarvias quem chegar a ver nove madeiros não sairá de doces de cabeça durante um ano.

É a lareira que a família se reúne depois da missa do galo. Ali ceiam em festim ruidoso. Cã fora pode haver frio, gelar até, mas nas almas há o sol da felicidade.

E não é só na casa do lavrador abastado que impetu o regozijo. A alegria com as suas vestes domingueiras também se senta à mesa doquele que labuta noite e dia para ganhar o magro sustento dos filhos. É que a alegria é como a modesta violeta que não floresce só no canteiro do jardim, brota também no valado da serra.

Depois da ceia, o Menino, que traça vestidinho de selim azul-celeste e ostenta uma medalhinha no pescoço, é brindado com um feixe de cantigas, já vindas de muito longe:

Canções, vãs, contas;
Choros de saudades,
Que nascem o Deus-Menino,
Filho da Virgem Maria.

Navega na pobre arruada,
Onde boi e mula hão,
Sem mantimento, nem cobertores,
Em uma noite tão fria...

O' meu Menino-Jesus,
A vozes copela cheia...
Cheira a cravo, cheira a rosas,
Cheira a flor de laranjeira.

Em Lisbon, a festa do Nascimento do Redentor apresenta-nos também aspectos curiosos. As ruas enchem-se de gente, admirando a Árvore do Natal. As criancinhas adquirem a sua melhor riqueza — um brinquedo engraçado e que faz acordar nas fias bonitas, vizinhas dos 40, a sua maior tristeza — a recordação da sua primeira boneca.

Os rapazes procuram brindes mimosos para os donos dos seus corações, e os velhos, que nunca pensaram que foram novos, recordam-se de que o foram e sentem, numa comunhão de solidões e de lágrimas, que cada Natal que passa mais os aproxima dos seus.

As cidades modernas, onde hoje dominam as ambições, os ódios e os egoísmos, são neste dia mais humanas. Os ricos repartem com os pobres e os pobres abençoam os ricos. É só neste dia que os senhores reconhecem que o melhor modo de prevenir a revolta dos que não têm pão, é dar-lho.

A noite de Natal, que é mãe bondosa para todos, parece revelar-se madrastra para os que gostam da solidão e para os solitários.

Não há ninguém que não tenha horror de estar só, e pede-se aos Céus um amigo para consolo e distração do espirito.

Conta-se que Fialho, vendo-se sem companheiro numa destas noites, acabou por convidar para ceiar com ele o primeiro pobre do asilo que encontrou.

E' que tudo acode ao cérebro do que passa a noite de Natal sozinho. E para este é bem certo o que pensava Temistocles:

«Aquele que me ensinasse a esquecer o que eu quisesse, far-me-ia o maior obsequio do que se me ensinasse a recordá-lo.»

Os celibatórios sentem bem a necessidade imperiosa duma voz de mulher que nunca se cansasse, e, não se envergonham de sustentar que as conversas femininas têm muito mais valor do que pretende um espírito seco ao afirmar que a mulher preenche o vácuo das conversações à maneira de aqueles feives de pelúcia que se colocam nas camas que contêm porcelana, e de que ninguém faz caso, mas sem os quais ela se quebraria ao ser transportada.

Tanto nos campos como nas cidades, aqui, em todo o parte do mundo, o Natal tem um cerimónia comum — a ceia. Em todos os manifestações do espirito o estômago soube manter íntimas relações com o seu vizinho do lado esquerdo...

Na ceia o lisboeta, de sensibilidade doentia, dada pelos requintes da civilização, ri, canta e às vezes chora em segredo. O coração, diz Pascal, tem suas razões que a razão não conhece. Por isso não é estranhável que junto da mesa surja a lembrança dos mortos e que para eles soe uma banda de saudades! É o jardim das solidões tem às vezes uma porta falsa para os subterrâneos da dor!

Este, que foi pai amantíssimo, lembra-se do filho morto que ceia ali no ano anterior; aquele, que foi noivo afectuoso, vê bem que as mulheres apaixonadas não morrem completamente e, ainda através do túmulo, transmitem sonhos, amor, vida!

Ainda aquele outro, deita transparecer no seu rosto mudanças constantes de expressão, — ri e chora em silêncio. Na sua alma cai uma chuva abençoada de beijos muito ternos, afogados por um ser feminino que já não pertence à terra!

— Ah! conheço-te!...
E a sua voz embarga-se-lhe na garganta, e uma lágrima pequenina, e um sorriso quasi imperceptível não o deixam falar.

Quem será aquela mulher que tanto lhe seduz a imaginação? Só ele o sabe. Mas De Gerando ensina-nos a descobri-la quando escreve:

«Conheço o Deus pelas suas obras, nem mais nem menos do que pelas carícias de uma mulher reconhecera a minha mãe.»

JOSÉ GUERREIRO MURTA.



A ADORAÇÃO DO MENINO-DEUS

(Sec. XIX)

Da coleção de Alberto Sousa



ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO

por MARTINHO DA FONSECA

SONHO DO NATAL

VAI NASCER O SENHOR... E NO MEU LAR,
 NUMA ATMOSFERA QUENTE DE CARINHOS,
 (LÁ FORA A NEVE CAL, BRANCA, DE ARMINHOS...)
 INCLINO A FRONTE, ABSORTO, A MEDITAR.

QUE FRIO NA BRANCURA DOS CAMINHOS!
 EIS-ME EM FAMÍLIA, AO FOGO, A CONSOAR.
 NOS MEUS OLHOS HÁ SOMBRA A PASSAR...
 E VÊM SENTAR-SE À MESA OS POBREZINHOS.

CHEGAM TAMBÉM, SORRINDO, A PASSO LENTO,
 LÁ DO IGNOTO PAÍS DO ESQUECIMENTO,
 NOSSOS MORTOS... ¡QUE INTÉRMINA JORNADA!

E NA SAGRADA NOITE CRISTIANÍSSIMA
 LÁ POR FORA, VAGUEIA A LUA ALVÍSSIMA,
 SÔBRE A ALVURA DA NEVE IMACULADA...

(Do livro *Miser das Tormentas*,
 a sair em breve.)

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

O NATAL PORTUGUÊS

(ESBÓÇO ETNOGRÁFICO)

— O Natal ao soltar;
— A Páscoa no luar.

Алекс. роговѣ.

—Vide ver a barca nova,
Que fizez os padroes:
Nova Senhora vai deitro,
Os Anjos são remadores.

Vila Real.

A tradição do Natal generalizou-se dos Evangelhos para os povos de Cristo-Deus. Em verdade nós diz pelas séculos além o evangelista San-João: — «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, como glória do Filho unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade» (1).

E com simplicidade única nos instrue São-Lucas:

*E subiu também José desde a Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se alistar com sua esposa Maria (em obediência ao edito de César Augusto, que ordena o alistamento geral do mundo romano), que estava grávida. Aconteceu, porém, que estando ali, se completaram os dias em que devia dar à luz. E deu à luz o seu Filho primogênito, e o envolveu em paninhos e o recolheu em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. (2).

A unidade mística dos textos formou a unidade da tradição do Natal nas sociedades cristãs. O povo mantém os velhos costumes das festas, que desde tempos primitivos comemoraram a data do nascimento do Messias, prometido pelos profetas de Israel: estes costumes ligam-se intimamente com a tradição evangélica: a liturgia católica deu forma ritual ao culto: e a comemoração do povo, asserdando neste, que também por si conserva o espírito dos Evangelhos, divide-se em duas direções. Ao lado dos actos puramente religiosos — a adoração do presépio, — a Missa do Galiléu, conserva práticas bem antigas, por certo, como aqueles actos cultuais, e que os completam (autos do Natal, do presépio e dos pastores, — armação familiar dos presépios, — cordões corais das Janeiras, dos Reis, das boas-festas, — música própria, de instrumentos tradicionais e pastoris — e as ágapes em família, essas consorçadas de amor e de saudade).

Sempre, no intimo de toda a firo-
 viana festivo do Natal, está o presépio,
 como centro convergente de toda a tra-
 dição. Belém, com a sua estreberia, a
 Belém tumultuária em que se transfor-
 ma, por virtude do censo imperial de
 Roma, a pacata cidade provincial de
 David, onde a Virgem, mãe de Deus, assistida de San-José, de
 uma vaca mansa, e de uma mula gulosa, depois na manjedoura do
 presépio (?) o Menino Jesus... É o presépio, gerai e eterno. Nêlo
 está a maior enausa, que prende todos os espiritos, e o máximo
 mistério, que confina nos séculos o seu prejo e exemplo.

Uma nassa canjica sagrada de Ioba do século XV baila com as crianças baileiros do Natal Português, recordando o facto em comemoração:

Em Belém, vila do amor,
Da rosa nasceu a flor!
Virtude Sagrada!

De tieta encetu a fil.
Jesus, meu Salvador!
Virgem Santa!

Porque o culto do Natal é essencialmente cristão e está generalizado no mundo da cristandade, a sua festa propagou-se, coincidindo com o rito. O povo católico, em nações de índole apro-

mas, mais sociáveis, mais maleáveis, o que no próprio calo se mostra e vinco, tem a sua comemoração com um ritual mais humano, mais do coração. Nos actos puramente religiosos, falar de uns é falar de todos. Por exemplo, o presépio é comum à Itália, — de onde parece provir ⁽¹⁾, — as suas exposições de luxuosas vestimentas ⁽²⁾, — à França, que tem na arte provençal a bela galeria dos santos da crèche ⁽³⁾, — à Bélgica dos jardins dos ⁽⁴⁾, — à Espanha, além na raça e nas origens artísticas da nossa gente. As tradições extraculturais, — como sejam as crenças particularizadas, festividades familiares, folgações populares, quando dependa já do carácter diferenciante da povo, — apresentam variantes mais ou menos profundas, e até novidades estranhas, no entanto sempre submetidas ao predomínio central do Presépio e do seu Menino-Deus.

O Presépio vence, triunfa, entra em toda a parte, absorve todos as atenções. Desde o princípio de Dezembro, que se não pensa em outra coisa. Todos querem arranjar o seu alvarinho.

Nas catedrais, o presépio alça-se grandezas extraordinárias de apoteoses cosmogónicas. Os melhores escultores tribuham para elles (*). Assim foi o da Sé de Lisboa, onde brilharam os talentos de Machado de Castro. O mesmo se deu com outros templos lousiteiros, como na basílica da Estrela, com o presépio de Antonio Ferreira, no convento da Madre de Deus, etc., em Lisbon. As casas nobres armavam o presépio com o melhor aparato: sirva de exemplo o dos Marquesses de Belas. Templos menores tiveram também o seu, modesta mas accedido como a joia que se guarda cuidadosamente, e só se mostra nas festas maiores. Pelas casas de menos recursos andam ainda presépios humildes, uns conservados em oratórios, outros de figuras dispersas, que o Natal vem reunir: a estes se refere *En de Ovídis em A Cidade e as Ser-*

gões, pastores de surrões vislãos, cordeiros d'esguelhada lá, se apressavam afixar d'alcanfe, para o menino, que no sua lapinha lisa abria os braços, coroado por uma enorme Coroa Real. (1). São os presépios que, no dizer de Felipe Simões, «os mulheres devotas preparam e enleiam para celebrar o natal do Salvador» (2). Na Ilha-da-Madeira o «presépio» é a lapinha, sobre alguns sócos de canas-vicinas ligadas, estende-se um papel molhado, que adere às rugosidades ásperas das raízes; aí está obdida a «rôchinha», onde se põem las pastorelas, que formam os ribeiros pela montanha abaixo: a «lapinha» fica encostada a uma parede, coberta de festões de elegia-camino com flores douradas de encheio;

A ADORAÇÃO DO MENINO-DEUS

Por Antonio Ferrer de la Cruz, XVIII

(Da Coleção de Alberto Sampaio)



(1) O Santo Evangelho de Jesus-Cristo, segundo São João, *Aplicação*, cap. 1, 14 (tradução do Bispo de Coimbra, D. Fr. Joaquim de Nova Serrinha da Natividade).

(7) O Santo Evangelho de Jesus-Cristo, segundo São Lucas, Parte I, cap.

(?) *Presépio vale o menino que Estribaria de animais domésticos
R. B. Gloss. Vocabulário Português. — a. u. *Presépio*.

(*) Marchetti, na *Explicação dos costumes e costumes dos Maracajós* (1653), atrela a São Francisco de Assis o primeiro presépio; para corrigir os desmatos das representações e fidelidade do Natal dentro dos templos, ele teria usado a cena do Presépio em uma estrutura alética, onde os personagens figurados são substituídos por São Xistô.

(2) *Ch. de Dalrovičević, L'Art Ruslique en Italie.*
Placed Revue de l'Art Ruslique en Italie, Marseille 1912.

(4) *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, vol. LXIV, n.^o Série, t. III, p. 362, estudo de Gr. Van Dongen.

4) José Castejo, *Cardume Português*, v. gr. p. 273 e 284 e m.: mostra o desenvolvimento da escultura popular, as suas formas tradicionais, e a influência dos motivos coelestiais: figuras de presépio, biscoitos de ardite e anelo etc.

[9] Eze de Dierckx, *A Cidade e as Serras*, Porto 1901, p. 231.

[5] Felipe Sánchez, *Escritos Diversos*, Coimbra 1832, p. 76.



«SENTINELAS»—POR
SAAVEDRA MACHADO

no cimo da verdura, habitada por pastores de barro, surge o Menino-Jesus, triunfante (1).

Em San-Miguel dos Açores, fazem-se presépios, onde a habilitação de quem os arma patenteia as qualidades estéticas de um meio insular. As flores são feitas de conchas; algumas atingem dois centímetros; há cisnes também de conchas brancas e encrespadas, a indicarem as penas ásperas; borboletas formadas de duas conchas ligadas; legos, onde passeiam os cisnes; campos em que pastores guardam cordeiros; anjos esvoaçam; e tudo sobressai de um fundo de cartão com montões de rochas nêlo pintadas; as figuras e os animais são de miolo de figueira (2).

Cá pelo continente, cada um emprega os bonecos que pode, para personagens do grande acto; tudo serve; verdura de toda a ordem vai decorar o presépio; em Castelo-de-Vide, essa decoração vegetal consiste em bons ramos de louros com lanças flamejantes na verdura carregada.

Aí está o centro da festa, o motivo essencial de toda a comemoração. Para lá correm os olhos, quando a família sai para a Missa do Gado. Os campos, nas noites sem luar, semeiam-se de luzes; os caminhos desenhavam-se numa pontuação luminosa de relâmpagos, que brilham na obscuridade; são as famílias, os grupos, montões de gente, a caminhar de lanterna em punho, no chão escabroso, para a igreja onde o padre espera a meia-noite. Na noite fria, o sino chama à oração. Há fogueiras pelas aldeias; a Natureza anima-se nas labaredas, clarões vivos de populeiras fantásticas. Começa a Missa do Gado, à hora do gado cantar, hora terrífica dos fantasmas, hora espectral da debandada, quando o conto do gado, arauto do sol longínquo, alugenta as almas penadas e os espectros tremendos.

Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lu Gado cantano,
Chorano o Menino

Dizido no fado
E entre sinais.

Ilha da Madeira (3).

Diz o Padre claramente o *Gloria in excelsis Deo*, e logo um alarido de campainhas, guios, guitas-de-foles, rompe da multidão, que se entusiasma, como se assistisse em glória ao nascimento do Menino. É caso para justificar o cântico:

— Nossa Senhora da Dówa,
Que teides no Vosso sino?
— Um gado preto romano,
Acorda o Verbo Divino!

— Nossa Senhora da Dówa — Penamare (4).

«E o Verbo se fez Carne». Sai animada a multidão, depois de beijar nas mãos do padre o Menino recém-nascido. A cozinheira espera. Das cozinhas fumegantes, animadas como oficinas de indústria intensiva, correm aromas, que despertam apêlito aos Santos. Reúne-se a família. «Pois não é o Nascimento do Menino a consagração da Família?». «Acaso não está no presépio a apoteose do Amor familiar, o alma dos pais, o espírito do lar?»

A consagração, que segue à Missa do Gado, conjuga a família num abraço de solidariedade. Na Norte do país, todos os filhos ausentes vão a casa dos pais consoar com eles. Os criados correm de consenso dos patrões ao lar paterno, e é ver com que entusiasmo levam o seu cesto com um bacalhau, um cabaco de vinho, um arrázel de açúcar. No Sul, quem está, está; quem não está, estivesse. Na Madeira, depois da Missa, é tradicional o canja e o copo de vinho velho em família.

Está todo esse Portugal, neste dia, cheio de holans preciosos e de petiscaria canónica. Em Santo-Tirso, não falte o bacalhau com batatas e olhos de couves; em Ponte-do-Limo, os mexidos, rabanadas, sopas sôcas de frigo com açúcar, canela, mel, batata, cozinhada ao forno em grandes alguidares; são os pratos de ervas, do Brago; os formagos ou mexidos de Penniel, os coscoréis, ilhó-

ses, falias douradas, de Coimbra, da Covilhã, de toda a parte, desde Monção, com os bôlos de mel, no Algarve dos bôlos de noz; bôlos de bolina, cuscus, vinho quente com mel, as broinhas de Lisboa; um estendal de guloseimas, que andam aristocráticas nas doces de ovos em fio de Vila Real, finas como cabeleiras loiras de mouros encantadas, codinas frescas, peroladas de brilhos foscas, — e plebeizadas na posta larga das orelhas de abade, rabanadas, anovias, etc.

Na lareira arde o fogo, que generosamente cozinhou a Consoada, e vai proteger a casa contra os males do raio. Nesta noite, coloca-se na lareira um cepo, que, sem se apagar, deve de arder até o dia de Ano-Novo, ou seja até o ano seguinte; o que resistir, guarda-se, e tem a serventia de se pôr a arder em ocasião de trovoadas, — é o cepo do Natal, protector da família (5). No adro das igrejas, também pelas provincias do Norte, se reúnem troncos de castanheiros, a que lançam fogo; padam à volta da madeira muitos homens embuçados nas capas de burel; retem com paus o brasão, outras batem nos troncos; os faúlhas sobem, revoleiam, e eles gritam: «ó madeiro, ó madeiro». Outras com «tealejos» ou harmonium, cavaquinhos, ferrinhos, em grande barulheira, cantam pelas ruas:

Toque, toque, toque,
Vozes a S. Roque,
Ver o Deus-Menino,
Que successo esta noite.

(Castelo-de-Vide).

Das últimas representações scénicas do Natal, restam-nos os autos populares e os coros das Janeiras e dos Reis. Na Covilhã principiam a cantar-se as Janeiras na véspera do Natal. Em Vianna-do-Castelo andam grupos de «bons-festas» a tocar pelas portas, e cantam-se pelas aldeias da região trovas tradicionais: nas vésperas de Natal, Ano Bom e de Reis. Em Castelo-de-Vide, os rapazes entram nas escadas das casas e cantam louvores: um deles, o «mestre», canta a uma voz, e o coro dos outros repele a quadra. Por todo Portugal se usam as Janeiras. O estribilho dos coros é por vezes piloresco e de um ruído sabor de pastores de presépio. E esta coreografia, género das antigas *befanate*, cantadas pelos bandos de rapazes italianos com violino ou harmonium, tem na Covilhã o estribilho (6):

Glória «nas celas»
Que já deu à luz;
Nasces em Belém
O Menino-Jesus.

O mais típico ainda são os autos, e por personagens obrigatórias tem os pastores, as figuras do presépio ou «Família Sagrada», e os Reis Magos.

Na Ilha da Madeira faz-se o «visita às lapinhas»; entra a «companhia» de dois «cômicos», um deles vilão (aldeão), o outro preto, com sua cabeça a tiracolo e um coco ou bandeja para pedir esmola. Chegam ao presépio, e dispõem-se a representar o diálogo, que levam engatilhado. Entre outras coisas, diz o vilão:

— Eu venho da Serra, de longe, cansado;
Por ver o Menino deixei o meu gado.

E responde-lhe o preto, imitando o tom de luso-africano:

— Também lá lá deixei tudo que lá tinha,
Só por vir agora ver esta lapinha.

Num coro, sublinha o acompanhamento a adoração do presépio:

Mex Menino Deus, do meu coração,
Amar te sim, sim; deixar-te não, não (7).

Em Aveiro, formam-se cortejos, em que tomam parte os Reis Magos, pastores, zagalinhos, às vezes com grande aparato (8).

(1) Serões, 2.ª Série, III (1907), p. 425-429, artigo de João Gonçalves, «O Natal na Ilha da Madeira».

(2) Luís Bernardo de Almeida, *Etnografia Artística* — San-Miguel, Açores, (1918), p. 136 e ss.

(3) Serões, loc. cit., p. 425.

(4) D. Fernandes Távora, *Velhos Canções e Romances populares portugueses*, Coimbra 1913, p. 90.

(5) D. Carolina Michaëlis Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, I, 119, acerca do «Cepo do Natal».

(6) *Luz*, I, 157 e ss.; 166 e ss.

(7) Serões, já cit. 2.ª Série, III, 427.

(8) *Lusa*, II, 45.

Nas *Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, *A Abóbada* começa pela descrição do «auto da adoração dos Reis», em grande pompa, na igreja do Convento da Batalha, diante de um presépio rico⁽¹⁾, levantado pelos dominicanos junto do zco do capelo do fundador, por quem esperavam e que se prometera.

Por aí fora, improvisam-se palcos com cenário de ramaria, ao longo das paredes à que os encostam; no fundo, a «lapião de Belém» está oculta na folhagem, e só aparece no momento em que os pastores, dão o papel, vão ao presépio levar os presentes ao Menino.

Em Santo Aleixo, de Montforte (Alentejo), os bonecos de madeira, fantoches artificiais, bem conhecidos na provincia por bonecos de Santo Aleixo, representam num teatro próprio os autos mais variados, desde a criação do Mundo com a serpente a levar a maçã à nossa mãe Eva, até a expulsão dos Jesuitas pelo Marquês de Pombal. No seu período próprio, apresentam com geral apazamento o *Auto do Natal* ou do Presépio.

No concelho de Chaves, em Vila do Conde, o *Auto do Natal* tem duas partes: uma, ao ar livre, o ramo de fora, sobre um estrado de madeira, figura animadamente vários episódios bíblicos, anteriores à Anunciação, entrecortados de subline picaresco; a outra, dentro da igreja, o ramo de dentro, que vai desde a Anunciação até o Nascimento do Menino; então, do meio dos espectadores que são toda a freguesia em êxtase, saem pastores e pastoreas, que cantam e dançam ao som da gaita de foles, ferrinhos, castanholas e pandeiretas, à maneira antiga das festanças do Natal nas igrejas e nos praças⁽²⁾.

Em cima de um tablado rude, os reisencas da Maia encenam com as suas mais variadas e disformes personagens o Nascimento de Jesus com a Anunciação, a adoração dos Magos, a oferta dos Pastores, a vingança de Herodes, onde os lalas em verso têm um acerto sabor de velha tradição⁽³⁾.

Pedro Fernandes Tomas incluiu nas *Velhas Canções e Romanças Populares* fragmentos de autos pastoris, que se exibem por várias terras do litoral beirão, como na Figueira-da-Foz. Assim, o beirão do presépio, cantam os pastores⁽⁴⁾:

1.º pastor — Olá, rapazes simpões,
Cantemos à desengurada,
Para alegrar o Menino,
Mais a sua Mãe sagrada.

2.º pastor — Mais à sua Mãe sagrada,
Acabado de contar,
Lembrado bem, o rapaz,
Agora não hei-de ficar.

3.º pastor — Atrás não hei-de ficar,
Não de-certo a ninguém;
Fazia triste figura,
Junto à lapa de Belém.

4.º pastor — Junto à lapa de Belém,
Grande alegria tivemos;
Vamos p'ra os nossos casais
Gobernarmos da que tivemos.

E, se frei Agostinho da Cruz, lá do alto da Arrábida, dizia aos pastores⁽⁵⁾:

Deixai, pastores, deixai o gado,
Tornai a este cordeiro, que ficou
Nos palcos de Belém descomposto,

eles, segundo uns cantares da Beira ao Menino-Deus, em «canto de pastores», responderiam cõ de huijá⁽⁶⁾:

Chagari aqui a Belém,
E veja, não se cansa,
Obedecer este cabrito
Ao meu Menino Adorado.

No meio da festa familiar, entre as alegrias dos autos e dos ranchos das *Janeiras* e dos *Reis*, não esquecem os usares da vida. As raparigas da Madeira, depois da meia noite, deitam a «sorte do ovo» para saber do namorado e da vida que terá: se irá para o mar, — e a clara do ovo desenha na água o mastro de um navio, — ou casará, — e vê no liquido uma coroa de noiva.

A lavoura não esquece. São os provérbios agrícolas a dizê-lo. — «Natal em Sexta-feira, por onde poderes, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo». O calendário rural apregoa as máximas do tempo. — «De Todos-os-Santos ao Natal é Inverno natural. — De Todos-os-Santos ao Natal, bom é chover e melhor never. — Do dia de Santa Catarina (25 de Novembro) ao Natal, mês igual. — O Natal ao colher, e a Páscoa ao luar. — Por Natal sol e por Páscoa corvão».

No dia de Natal fazem-se as previsões do tempo. São as arre-medias a previsão, desde 13 de Dezembro até véspera de Natal; e as desarmedias, desde 25 aos Reis, que constituem a contraprova das primeiras; conforme nesse período correr o tempo, assim será o ano novo. Também se crê que não haverá vinho, se a noite de Natal não fiver luar: e será boa a colheita, se toda a noite houver lua — o luar inteiro⁽⁷⁾. E, como a molança do porco é uma das festas mais animadas no caso, sendo costume fazê-la pelo Natal, diz a folhinha agrícola⁽⁸⁾:

Entre mim, e o Tasso, três dias é:
Vinte e um de Dezembro.
Neste dia prende o porco pelo pé.
Se ele disser: — que é? — que é?
Diz-lhe que tempo é.
Se ele disser: — que tal? — que tal?
Graças a para o Natal.

Ai está o Natal, que, — meu Deus! — como o «Nou Catrine-la», tem muito, muito e muito que contar.

LUIS CHAVES.

(1) Alex. Herculano, *Lendas e Narrativas*, I; a descrição do presépio ocupa o cap. III do livro «A Abóbada».

(2) Soeiro Costa, «Auto do Natal», na *Terra Portuguesa*, II, 97-101.

(3) Severo Pereira, «Reisencas da Maia», na *Terra Portuguesa*, II, 164-166.

(4) P. Fernandes Tomas, *Velhas Canções e Romanças Populares Portuguesas*, p. 68.

(5) Fr. Agostinho da Cruz, *Obras*, p. 168.

(6) P. Fernandes Tomas, *Velhas Canções*, p. 73.

(7) Leite de Vasconcelos, *Ensaio Etnográfico*, III, 235, *Revista dos Tradições populares portuguesas*, IV, 631; Padre Costa e Brito, «Etnografia Mi-shita», na *Revista Lusitana* XV, 107; D. Leite de Castro, *Folclore Vinha-sense*, Espinheiro 1908, p. 23-24.

(8) *Luz*, I, 82, S. 33, «Investigações Etnográficas» de Félix A. Pereira.



NO PRÓXIMO NÚMERO: A MULHER DO MINHO, PELO DR. CLÁUDIO BASTO,
COM ILUSTRAÇÕES DE COUTO VIANA E SAAVEDRA MACHADO
E A SENHORA PRINCESA DO OURO, POR LUIS CHAVES



NOSSO POETA.



GOMES LEAL foi um dos maiores dentre os maiores poetas do seu tempo. No entanto, ¿ que consagrações já recebeu? Tanto na vida, como na morte, a lei fatal dos génios tem-no perseguido. As suas próprias cinzas, completamente esquecidas, e até quasi ignoradas de todos, num dos cemitérios de Lisboa, estiveram há dias na iminência de serem arremessadas à vala comum.



GOMES LEAL

(Portrait-charge de Celso Herminio)

Não houvera na intendência dos ditos cemitérios um vereador consciente, e o ultraje ter-se-ia cometido.

Ao ilustre edil e também distinto poeta sr. Dr. Alfredo Guisado, o nosso aplauso, pois, pelo seu nobre gesto, com o nosso mais vibrante incitamento para que de facto às cinzas do querido morto sejam prestadas as consagrações de há tanto devidas.

RESPIGA

NOS campos de Booz, coração nobre,
Andam Ruth e Noemi entretidas
A levantar espigas esquecidas.
(Ai! coitado, meu Deus, de quem é pobre!)

Assim eu, na tristeza que me cobre
De tantas ilusões desiludidas,
Vou rebuscar pelas alheias vidas
Algun grão de ventura que lhes sobre...

E colho algum às vezes... Se algum dia
Assomar aos meus lábios a alegria,
Ninguém se iluda, iluda-me só eu...

Não cuidem que êsse riso me consola,
São risos que eu pedi, risos de esmola.
E o riso dos outros, não é meu...

ANTÓNIO MORENO.

«RECORDAR... REVIVER»

LUÍS CALADO NUNES

DE muito novos fomos amigos como irmãos... mais que irmãos, posso garantir: comuñão confiante de sentimentos, de ideias, de aspirações... tudo desvanecido, torturado, perdido, no decorrer da vida áspera!...

Começamos a ver-sejar na Escola Académica e colaborámos, desde então sempre unidos: nos jornalinhos, que lá criámos.

Saudosos tempos!...

Nenhum de nós fazia versos que não fuisse logo consultar o outro, e surgiam discussões, compila a ver qual dos dois lembrava mais rimas, maior riqueza de vocabulário, etc., etc.

Melteu-se-nos na cabeça traduzir o *Cid*, de Corneille, e vá de perdemos noites e noites... nas quais não sei que mais admirável fôsse, se a nossa paciência, se a exuberância das fantasias loucas que sonhávamos!...

Tudo que me ocorreu a respeito de Luís Calado Nunes corre impresso num folheto *Carta para o outro mundo*, em que procurei fazer justiça aos peregrinos dotes de talento e de bondade do meu saudoso Amigo, que aliava a muita ciência da língua, a óptimas qualidades de professor, ao vernaculismo elegante do estilo, uma graça espontânea, uma grande sedução como conversador, e como humorista emérito!...

Escovou-me uma nota curiosa: um belo dia apareceu-me Luís Calado Nunes com a poesia «Malmequer», e, no seu modo mais sério, pede-me opinião. Li. Não percebi. Sem papas na língua opino indignado: — isto é uma borra-cheira.

Estávamos no tempo do nefelibatismo triunfante!

Luís, grave e sisudo, protestou mais indignado ainda: — és um casmurro, incapaz de acompanhar a nova corrente belíssima da poesia, etc., etc., etc.

— Pois sim, liquidei, fica-te lá com as tuas opiniões, que eu fico com as minhas.

A poesia era esta:

MÁLMEQUER

Mal me quer... heu me quer...
A sua diuina ave perpassou de leve,
O logo despetou do anjo breve...
Mal me quer... ben me quer...
Ten um doce que não troco por mais,
Toca arrali, escreve azidigui...
Mal me quer... ben me quer...
E neste lindo colre que rigez...
Exterallos, salras e linques...
Mal me quer... ben me quer...
Noites de S. João! Agas da lorde...
A pupila dourada no horizonte...
Mal me quer... ben me quer...
«Hei-de ver a minha alma refulgida?»
«E dem berto surgir a madrugada?»
Mal me quer... ben me quer...
Sócor Mariana espera e desespera,
«Je s'arras ou je m'attache?» é como a hera...
Mal me quer... ben me quer...
Rocor pela água a sua dama ave,
Quelens seu sonho o logo sonhalor...
Mal me quer... ben me quer...
As moças vão passando a passo grave
Ao longo do comprido corredor...
Miserere... Miserere...

Como fazia a todos os versos, que o meu chorado Luís me deixava, coleí o «Malmequer» no meu álbum de coisas íntimas.

Decorreram largos anos. Em conversa sobre tempos idos, uma vez que falávamos de nefelibatismo, fui-lhe dizendo: — sim, mas tu também cultivaste o género!

— Eu?! recalcitrou, ofendido, o Luís.



LUÍS CALADO NUNES

na reitoria da Liceu João de Deus

— Sim. Tu. Rapa do álbum, abro-o na página documental, mostro o «Malmequer»!

E logo, o Luís: — Deixa ver, isso não está completo, e acrescentou:

Se a leitor estes versos entender, lida a mais refulgida do que eu.

As recordações são como as cerejas, umas trazem outras.

Frequentávamos muito a Biblioteca Nacional, sobretudo à noite. Nesse tempo ornamentavam as paredes do edifício vários murarrachos, até nos escadas se ostentavam! Na da esquerda, subido o primeiro lance, também à esquerda, havia um. Todos eles representavam frades e tinham dizeres explicativos.

Na própria tela, em baixo. Esse, entre várias lérias, chamava ao homem: «frade de inocentíssimos costumes». Tanta vez passámos pelo inocentíssimo, que uma bela noite comentei: — indecentíssimos é que lá devia estar.

Saindo. De repente digo ao Luís: — és queres tu fazer uma boa partida? — Dize lá. — Muito simples: raspas a palavra inocentíssimas e pões indecentíssimas. — Olha que lembrança!... é E se nos apantam? — Por isso fico eu. A porta de cima faz barulho quando se abre. É um alarme. Em baixo ponho-me à cóca... não há receio.

Resolvido.

Na noite seguinte o complacente Luís, de raspadeira em punho, deu começo ao trabalhinho. Ficou a coisa tão bem feita que ninguém deu pela metamorfose da palavra!...

Quantos mais dias passavam mais arreliado eu andava! Não me confive e propalei o caso insólito entre a estudantada.

Começa a romaria para a Biblioteca, chovem os comentários apimentados.

Constatou-nos que O Dia pregou uma tarefa mestra nos audaciosos atrevidos, maliciados, iconoclastas, etc., etc., etc.

Poucos dias após foi reposto o inocentíssimo.

Partida de rapazes e prova da pericia, da facilidade rápida, com que o bom Luís fazia tudo que queria fazer!...

No «Museu Ralael Bordalo Pinheiro» existem muitas cópias, executadas por Luís Calado Nunes, tão perfeitas que são absolutamente confundíveis com as originais!

Foi talvez essa extrema perfeição de copista originária do perfilho boato de que no «Museu» se trocavam as originais por cópias!... Realmente, são por tal forma admiráveis que mestre Columbano, examinando a que representa o glorioso actor Brazão no *Furo Vidas*, sentenciou: — isto não é uma cópia, é uma verdadeira falsificação!

A-pesar-do boato traduzir bem com quanta amorável pericia Luís Calado Nunes trabalhava para o «Museu», causou-me sério desgosto!

Hoje limito-me a deplorar que houvesse almas tão vis que Luis alceivosas inventassem!...

Glória ao meu chorado Luís, desprezo e mojado lédio para os abjectos colunadores.

Mais uma recordação inédita para finalizar:

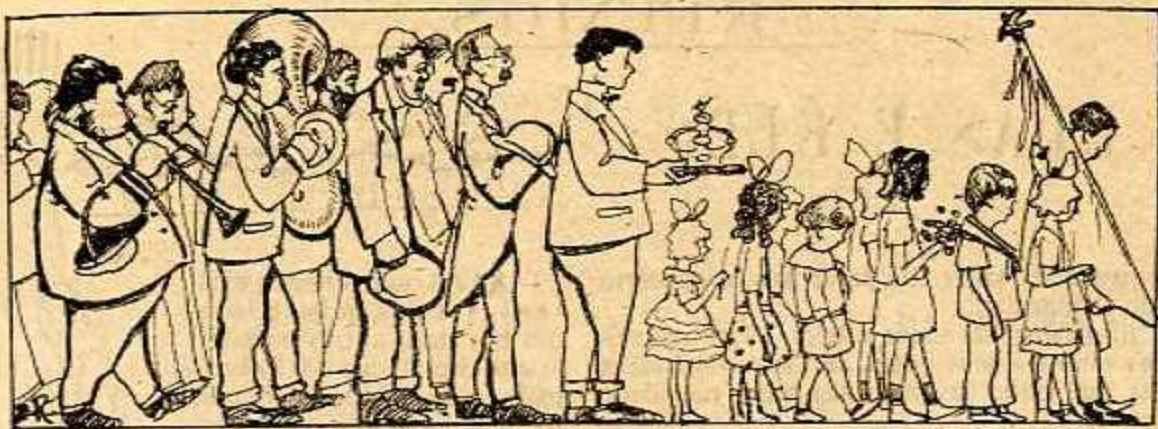
Fui sempre um inútil cheio de ocupações!...

Um dia o gracioso Luís definiu-me assim: — um homem que não tem nada que fazer e a quem nunca chega o tempo para coisa alguma.

Deu no vinle!...

(Do livro em preparação
«Recordar... reviver».)

CRUZ MAGALHÃES.



UMA COROAÇÃO NA MINHA ALDEIA

ESTALAM OS foguetes, de minuto a minuto, numa alegria festiva, e é ver o rapazio disputá-los a sôco e aos encontrões, quando, cumprida a sua missão, caem no solo, ennegrecidos pela pólvora, a fumegar ainda...

Ouve-se a banda, a caminho da regeneração desde que o sr. Josézinho da Loja tomara a peito a sua regência. Já sabe mais dois ordinários — e vamos lá que a sua execução faz esquecer-nos por momentos que são ordinários...

Raparigas às dezenas, gaiatas a valer, com berrantes vestidos domingueiros, assomam por toda a parte a rir, com risos francos que não conhecem a peia da «civilidade e etiqueta», e os seus lábios da cor das papoilas são tão ignaros que desconhecem o carmin, que é talvez um capítulo do *bon-tom*.

Todos os rostos sorriem, tudo é alegre. Até as ruas alcatifadas de verdura e flores, com o suave aroma de alecrim, parecem sorrir também...

E' a coroação que passa.

— «O' compadre, está *bim bonita*» — diz um campônio a outro.

— «Vem muito *chic*» — exclama um caixeiro duma loja de fazendas da vila próxima, todo aperaltado, cheirando a Água Flórida, que tem a fama de *dem falante* e a mania de empregar o *chic* em qualquer coisa.

E lá foram os comentários até aos velhos, que dizem, como quasi todos os anos: — «Tenho visto coroações bonitas, mas como esta até não *m'alembra*».

Uma bandeira de Espírito Santo de damasco de sêda rubra, com uma graciosa pomba branca d'arminho, abre o cortejo conduzida pelo afilhado do *imperador*, um rapazola de dez anos que, coitado, mártir da estreia dumas botas que um tio lhe trouxera da América, se sustém com um sacrifício heróico, buscando, a custo, sorrisos para cumprimentar a vizinhança...

Seguem-no duas alas de crianças de caracóis rebeldes sustidos à força de *papelotes*.

E às vezes pelas janelas alguém diz: — «Olha a nossa Maria, como ela vai tão soberba! Eh! pequena, adeus!...»

Fecha as alas a *imperatriz*, uma pequenita loira como os trigais, agora verdejantes, entre a espuma côr de rosa dum vestido caro de *organdi*...

Logo atrás o *imperador*, um americano que trouxe pesos da América, caminha com ar solene de imperador às direitas... Conduz a coroa numa taça de prata e o braço e pernas são figuras geométricas, formando as pernas ângulos agudos, e o braço um ângulo recto.

Agora curvam-se rapazes respeitosa e solenemente. E' o sr. professor que vem na ala dos convidados, ao centro, no lugar d'honra, engomado na sua pose dos momentos solenes, de lunetas *pedagógicas* assentadas no nariz como canga em *cachaço* de boi...

E não sei porquê, ele, com o seu fraque esverdeado, *scintillante*, o seu nariz adunco, lembra um papagaio do brasileiro que vem ao seu lado, um homem de face rude

e tostada, com uma grossa corrente de ouro, mais de meio século de idade e umas dezenas de alqueires de terra.

Os outros convidados são: o compadre do *imperador*, o regedor e alguns lavradores abastados.

Agora uma galinha com pintos zig-zagueia assustada, entre eles, vindo desmanchar a gravidade dos seus passos.

Depois, há um silêncio de instantes, um silêncio em que se adivinha qualquer coisa de sensação, que vai suceder. E' a banda que estreia a aguardada valsa «Suspiros» do sr. Josézinho da Loja, que, nos seus tempos de seminarista — pois uma tia queria fazê-lo padre à força — sabia talvez mais música do que muitos *ranjos* da corte do Céu...

Os partidários, logo atrás, desde as clássicas pancadas do bombo, escutam religiosamente, «com a alma ajoelhada», como diria um poeta.

Chega o momento arrebatador, o do melhor trabalho da autoria e execução do sr. Josézinho, o solo de cornetim.

Afogueado, de lenço ao pescoço, os olhinhos a flutuar numas pálspebras papudas parecem querer agarrar-se à música da valsa «Suspiros», que tem nas costas uma oleografia barata e pudibunda... Arranca fijas desconhecidas ao cornetim com um esforço *edleo* e pelas faces infladas correm bagas de suor que vão caindo pelo arredondado do queixo — um conta-gotas de precisão...

A igreja! Ei-la toda branquinha, com os sinos baloiçantes de alegria, que repicam sem cessar, tangidos com vigor pelo sacristão, que vê em sonhos as *patacas* que o americano lhe dará de recompensa. Na torre queima-se uma girândola. Os foguetes cabriolam nos ares, vindo cair, vencidos, entre a gritaria guerreira da «gente de palmo e meio».

Entra a coroação na igreja. O melódio geme, graças a um amador, e dirigem-se todos à capela-mór, aguardando a chegada do cura. Range uma porta lateral e por ela sai este, aparentemente não sentir a carestia da vida, faces rechonchudas e rosadas, rosto prazenteiro de moçoila sãda.

Depois das cerimônias do costume, lá segue a coroação a caminho de casa. Outra girândola estruge no espaço... A *imperatriz* vai agora beijando o scetro, sem descanso, como que afagando a «Pombinha», receosa de que ela fuja das suas mãos...

Os músicos, fatigadíssimos, congestionados de tanto soprar, têm os últimos olhares para as raparigas, como o Sol que, já no ocaso, agora se despede...

De volta a casa, o *imperador* refresca os convidados e a banda, sendo o sr. Josézinho muito elogiado pela sua valsa «Suspiros».

Pouco depois o *imperador* insiste: — «mais um suspiro, senhor Josézinho». E o sr. Josézinho, a alma daquela festa, de copo numa das mãos e suspiro na outra, derrete-se em agradecimentos e olha orgulhoso para os gálhos doirados da sua farda de regente da banda...

Ribeira Sêca (Ilha de San-Miguel), Maio de 1922.

(Jhs. de Damião Rebelo).

M. DA SILVA CARREIRO.

RITMOS...

ELAS E ÊLES

ÀS quatro da tarde Ela passa para o concerto do Peninsular.

E' uma figurinha suave e loira. Traz reflectida nos olhos — duas gotas de absinto — toda a tristeza que pode haver na sua triste mocidade em flor...

E a gente fica a recordar o lindo verso de François Coppée:

«Quelque chose comme une odeur qui serait blonde...»

*

NUNCA o tinha olhado. Conhecia-o apenas de vista. Prendi os meus olhos àquela estampa recortada dum catálogo de alfaiate afamado.

Olhei, olhei...

Uma silhueta frágil, ridícula, um boneco-homem cujo snobismo — como a mão que se mete por debaixo das fraldas da *marionette* — empasta vida, uma pobre vida, à cabeça e aos braços...

*

...E eu via no seu olhar uma perturbação, enquanto a voz lhe tremia, balbuciando palavras escandalosamente inçadas de maiúsculas...

*

UMA esguia mulher que passa, leve, lânguida, silhueta pela luz morrente do crepúsculo.

— A quem irás levar a graça da tua presença, a luz do teu sorriso, a música do teu beijo?...

*

«EU vejo a lua e a lua vê-me e a Alguém que eu queria ver.»

Assim falava o meu amigo, depois dum bom jantar de rapazes, enquanto eu, caridosamente, o ia acompanhando a casa...

A CADEIRINHA

Foi há trinta anos certos, numa velha alameda, numa paisagem doce do leque de seda,

A senhora marquesa, que o amor perturbara, sobe a cortina roxa — e a cadeirinha para...

Canta um rouxinol. Ouve-se um rumor (A marquesa vai ler seu instante de amor).

Nisto surge um fidalgo de entre o arcobalho. Como uma sombra esquiva aproxima-se a medo

Da leve cadeirinha. E, numa gentileza, corteja, de joelhos, a frágil marquesa.

Beija-lhe a mão, tremendo. Ela sorri. Depois afastam-se, sozinhos, enlaçados os dois.



...MAS aqueles seios exaltados, quasi reclamados por dois ou três poetas... líricos, fizeram-me dó. Pobres, tristes seios pesados, vergados ao peso tremendo da responsabilidade duma realza impingida por meia-dúzia de sonetos... errados.

E quasi tive lágrimas para aquelas lágrimas de carne que tombavam, desciam fatigadamente pelo-corpo fatigado...

*

NA penumbra da salinha o teu rosto da marfim pálido — tão pálido! — destacava estranha e perturbantemente na moldura do cabelo negro — tão negro!

As tuas mãos esguias vieram poisar nos meus ombros, como duas avesitas cansadas, vindas de longe...

E nos teus olhos boiava toda a amargura dolente da Distância...

— Minha pobre avesita errante!

E foi um grande beijo...

*

FOI para ambos uma tortura aquele pretencioso «chá das cinco».

Meses galgados já que a vida os trazia separados, longe um do outro, que as suas bocas desconheciam o sabor do beijo bebido com sede. E agora ali estavam juntos, separados, num daqueles encontros em que a gente reveste um aspecto de bala: envólucro frio guardando, contendo uma explosão...

Figueira-da-Foz — Ano de mil novecentos e tal.

JOSÉ BRANDÃO.

Entreolham-se os pargens. A cadeirinha espera. O amor floresce! Que linda primavera!

Ouve-se um rumor. Passados nos instantes. E os que collam, rindo, alegres, ofegantes:

A senhora marquesa um pouco mais corada. E, aqui entre nós, um pouco perturbada.

O fidalgo despede-se, afastando-se a medo. Como uma sombra vaga por entre o arcobalho,

E a senhora marquesa — um impulso de raça — Desce a cortina roxa — e a cadeirinha passa.

LUÍS D'OLIVEIRA GUINARÊS.

SCIÊNCIA & FILOSOFIA

A POLÍTICA MODERNA
AS "MINORIAS" E AS "ÉLITES"

ALGUMAS OPINIÕES DO EMINENTE PSICÓLOGO FRANCÊS SR. GUSTAVO LE BON,
DE GRANDE UTILIDADE PARA A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL DA MAIORIA PORTU-
GUESA, ONDE TANTO SE CONFUNDEM HOJE AS MISSÕES
: : : : DO INTELLECTUAL E DO POLÍTICO : : : :

E porventura possível, pergunta o sr. Le Bon, formular leis gerais atribuindo caracteres comuns aos diversos regímenes políticos que os povos têm conhecido?

Esses caracteres gerais, crê, podem ser resumidos nas fórmulas seguintes:

1.^a—*Seja qual for o regímen político dum povo: teocrático, monárquico, democrático ou socialista; o poder é sempre exercido por uma pequena minoria;*

2.^a—*A minoria que governa um povo não é, ordinariamente, recollada na sua «élite» intellectual;*

3.^a—*A «élite» intellectual duma nação determina a sua grandeza, mas ela actua sempre mais sobre a evolução futura dessa nação do que sobre o seu estado presente.*

A primeira destas proposições, acrescenta, isto é, a relativa ao governo dos povos por minorias, torna-se evidente depois dalguns minutos de reflexão; é, todavia, necessário reflectir um pouco mais e consultar a história, para reconhecer o fraco papel das *élites* intellectuais no governo das nações, se bem que a sua influência seja preponderante na evolução das civilizações.

E justifica:

«Se as *élites*, ainda que transformando a vida dos povos, os não governam, é porque, estando muito afastadas das multidões pelo pensamento e não falando senão em aparência a mesma linguagem, não saberiam fazer-se compreender. O vocabulário dos laboratórios onde se criam as descobertas, o dos *ateliers* donde surgem as maravilhas da arte, o dos gabinetes de trabalho onde se cinzelam os pensamentos chamados às vezes a orientar uma época, todas estas linguas diversas, mas sempre superiores, não saberiam encontrar eco na alma das multidões.

Não é, pois, aos espiritos falando inacessíveis linguagens que dirigem os seus voos.

Para desejar não seria, além disso, que os povos fossem conduzidos pelas suas *élites* intellectuais. O arcêpago de sábios sonhado por Augusto Comte governaria péssimamente. O medo das responsabilidades, a indecisão, a ausência de iniciativa, seriam os característicos duma tal assembleia. O homem muito intellectualizado, penetrando as infinitas possibilidades que o mais pequeno facto comporta, não saberia agir rapidamente. A sua decisão é lenta, ao passo que o desenrolamento rápido dos acontecimentos quotidiana-

nos as necessita imediais. Mas se seria, é facto, perigoso para um povo ser politicamente governado pela sua *élite*, embora composta de homens como Descartes, Corneille e Pascal, mais funesto seria ainda, para esse povo, ser submetido a assembleias de iletrados ou de semi-intelectuais ambiciosos e descontentes.

O mundo antigo e o mundo moderno têm conhecido tais assembleias. Elas mostraram-se sempre tão incapazes de compreender os acontecimentos como de os dirigir.

A última experiência feita na Rússia é categórica neste ponto. Basla mesmo ouvir as prodigiosas propostas aplaudidas em certos Congressos aí realizados, para se ver a que aberrações um julgamento inferior pode conduzir espiritos que uma cultura insufficiente torna estranhos às realidades.

«Ai das democracias, se não fossem ainda governadas por homens de inteligência e de bom senso médios. Eles seriam assás suficientes, se o receio dos eleitores não os conduzissem às vezes a violarem leis restritivas que, violando todas as necessidades económicas, podem somente agravar os males que elas pretendiam curar.

E' preciso evilar-se, no entanto, submeter a uma critica demasiado acesa as assembleias representativas saídas da evolução democrática moderna. Graças à autoridade mística atribuída ao número, essas assembleias conservam os derradeiros vestígios de autoridade ainda respeitados. Desde que elas tenham desaparecido, a anarquia e o baixo despotismo engrandecerão fatalmente.

Assim foi sempre em todos os periodos da história. Jámais qualquer povo se conseguiu manter sem uma autoridade aceita. Os Gregos do mundo antigo tentaram a experiência. Mas não querendo continuar a admitir a disciplina foram obrigados a sofrer a escravidão.

E' porque, com efeito, o principio de autoridade, seja ele representado por um chefe, uma casta ou simplesmente um código, constitue o único meio descoberto para refrear no homem os primitivos instintos que tornariam toda a civilização impossível. A anarquia, com as suas pilhagens, os seus morticínios e todas as suas violências, é simplesmente a libertação dos que refreiam os instintos ancestrais.

A acção do fascismo será transitória:

«Pelos recentes exemplos da Itália se pôde ver quais os perigos que ameaçam um país em que os últimos vestígios de autoridade ainda accitados pelos democratas têm desaparecido. Ante um Parlamento impotente e uma autoridade real mais impotente ainda, desvaslações e massacres crescem numa vertigem.

A ruína do país teria sido certa, se um grupo de homens valentes, conduzidos por um chefe enérgico, não tivesse conseguido expulsar todos os elementos de desordem contra os quais o Parlamento e o governo ficavam sem força.

Mas, se expedientes como o fascismo se mostram eficazes, a sua acção é, contudo, transitória. A força pode restabelecer a disciplina, mas esta disciplina não persiste senão depois de se ter fixado nas almas. O que não é obra de um dia.»

O valor das forças económicas como principal orientador da política moderna:

«As forças políticas diversas, destrutivas ou criadoras, que têm até aqui governado o mundo, derivavam sobretudo das paixões e dos interesses que dominam os homens, ou simplesmente, por vezes, das fantasias de soberanos cuja ambição ultrapassava a inteligência.

A idade moderna viu nascer potências novas ignoradas do passado e que orientam cada vez mais as vontades dos homens.

Hoje, a vida política do mundo está submetida a directrizes novas saídas das forças motrizes que a ciência fez surgir da inerte hulha, considerada, até ao tempo de Napoleão, como uma insignificante matéria. E' dela, contudo, que têm saído não só todos os elementos da civilização moderna, mas também os meios de destruição cuja potência engrandeceu de maneira tal que nos próximos conflitos as mais brilhantes capitais do mundo estão expostas a um total aniquilamento.

Os povos possuidores de grandes quantidades de hulha — ou do seu equivalente, o petróleo — têm, por este simples facto, uma superioridade económica e política enorme sobre os que a natureza favoreceu menos.

Foi devido à hulha que a Inglaterra pôde dominar os mares e, por consequência, o comércio do mundo. Não foram nada os seus sucessos militares de 1870, como se diz às vezes, mas sim a descoberta de minas novas no seu território, o que conduziu a Alemanha ao seu alto grau de prosperidade. Graças à hulha, esta prosperidade tornou-se tal que o império alemão pôde alimentar o sonho de disputar à Inglaterra a sua hegemonia comercial em todos os pontos do globo. Desta pretensão devia sair fatalmente a guerra mundial. As outras causas invocadas para explicar as suas origens são muito accessorias.»

«São numerosos os exemplos provando que o papel das forças motrizes aumenta cada dia na vida política dos povos. A sua influência não se faz sentir somente na Europa, mas até aos confins do universo. Se hoje, o Japão, necessitando de carvão e, não estando absolutamente seguro de que a América lhe fornecerá sempre, negocia importantes tratados

com a Rússia soviética, é na esperança de poder explorar a seu proveito as minas da Sibéria.»

A arte de governar é cada vez mais difícil:

«A política moderna deriva, como vemos, da posse dos geradores de forças motrizes novas. Desnecessário se torna concluir, porém, que o homem de Estado deve enfrentar essas fatalidades económicas, sem poder subtrair-se-lhes.

A arte de governar consiste, hoje, em dissociar as fatalidades que regem o mundo ou pelo menos em utilizá-las. Ele imita então o engenheiro que transforma em electricidade benéfica a força de torrentes, outrora consideradas como flagelos devastadores.

Semelhança tarefa encontra-se por vezes complicada, razão por que o papel dos governantes se torna bastante difícil. Erros de raciocínio pouco perigosos outrora são hoje desastrosos. Sabe-se que a Inglaterra perdeu a sua hegemonia no Oriente e a probabilidade de possuir Constantinopla, por um erro do seu primeiro ministro na Turquia.»

O Parlamento e os Governos. A evolução na política é análoga à operada durante a guerra na conduta dos exércitos:

«Estando a solução dos grandes problemas modernos muito acima das capacidades colectivas, devia fatalmente suceder que em todos os países importantes, como a Inglaterra, a França e a Itália, especialmente, os primeiros ministros exerçam, sem que qualquer diploma tivesse decidido esta evolução, um poder absoluto igual ao dos antigos reis.

Em teoria, o poder pertence sempre aos Parlamentos, visto que eles têm o direito de deitar a baixo os ministros. Na prática, o primeiro ministro é o verdadeiro soberano; os outros ministros, seus colegas de ontem, subordinados sem prestígio, raramente consultados.

Esta evolução das instituições democráticas é bem uma necessidade política, pois se observa em toda a parte. Ninguém se preocupa, hoje, com a opinião dos reis e dos chefes de Estado; só os primeiros ministros são escutados. Quando eles falam, o mundo inteiro aguça a atenção e todos os jornais reproduzem as suas mais insignificantes palavras.

Esta evolução na política é análoga à operada durante a guerra na conduta dos exércitos. Dirigidos a principio por conselhos de guerra, conferências inter-aliadas, dominados pelas incertezas características dos poderes colectivos, eles não conseguiram senão insucessos. A vitória appareceu somente no dia em que um pensamento único veio substituir as incertezas colectivas.

Sem dúvida, o mundo entrou numa fase em que as forças colectivas têm um grande papel; mas em política, como em todos os domínios, as forças colectivas continuam cegas e desordenadas desde que não sejam orientadas por um pensamento firme, capaz de iniciativa e de decisão.

Estas verdades resultam de dados psicológicos inerentes à natureza humana, e que, por consequência, não poderiam mudar. Quando, após longos anos de reflexões e de experiências, os socialistas tiverem acabado por compreendê-las, não haverá mais socialismo.»



ARTE



O PINTOR MANUEL JARDIM

TEMOS privado com algumas criaturas de trato adorável que vemos com tristeza desaparecer da vida, mas que nos ficam, todavia, a viver no coração. Saudosamente incluímos nesse número a figura delicada e nobre do Pintor Manuel Jardim. Conhecíamos-lo há muitos anos, desde 1902, dos tempos saudosos e distantes da nossa velha camaradagem na Escola de Belas-Artes de Lisboa, de onde ele, apenas com dois anos de curso, fôra deabalada até Paris, depois de ter atingido bem honrosas classificações.

Ao escrever estas linhas parece-nos estar vendo ainda o seu perfil sereno de pensador precoce, um curioso perfil de magreza rara; o seu olhar cheio de inteligência, sempre atento e perscrutador; a sua boca de lábio inferior descaído e desdenhoso; e os seus gestos pausados e largos, ritmados e mecânicos... Então, como ainda recentemente, pouco antes da morte o ler levado, era infinito o seu amor à Arte, à qual entregava a maioria dos seus entusiasmos e dos seus pensamentos, desejoso de viver só para ela, como um amoroso fiel para a esposa, ou amante adorada. Já nesse tempo da Escola de Lisboa começavam a esboçar-se os seus anseios de independência artística, revelados apenas em palestras adoráveis ao longo das ruas, ou abancado às mesas dos cafés. Manuel Jardim foi sempre, na verdade, um temperamento cheio de requintado personalismo, alheio a tudo quanto fôsse uma imposição ou um dogma. Ele prezava a sua independência artística acima de tudo, quasi tanto como os amigos raros



BUSTO DE MANUEL JARDIM

POR FRANCISCO FRANCO

(Exposição dos «5 Independentes»)

dos quais sabia fazer criteriosa selecção. Foi sempre um alheado e um forte, sabendo conservar-se superior às fórmulas estabelecidas, e às pequenas intrigas de alguns oficiais do mesmo officio. Obedecia unicamente à directriz da sua consciência arejada e clara.

Diante da Natureza era um revolucionário enternecido que prezava o ruído e o movimento, adorava a luz, e sentia a alegria de viver. Escrevia-nos numa carta datada de 12 de Agosto de 1904: «Estou a escrever-te devem ser 6 da tarde. Passa agora na estrada um carro. Vai com uma certa poesia, uma certa beleza: os cavalos fazem soar uma coleira de guisos, o cocheiro berra, um chicote estala, e uma nuvem de pó levanta-se atrás do carro.» Mais longe diz: «Estou numa quinta em Monte Real. Não é feia, porém é muito triste, e eu já não es-

tou afeito ao sofrimento. Tens trabalhado muito? Esta solidão aterra-me. Esta casa já velha, com ares dum antigo solar, sufoca-me, não me deixa respirar.»

Admirava a beleza moça e vitoriosa das mulheres. Acerca duma colega de 16 anos, cuja formosura durante algum tempo o impressionara, escrevia: «Aquilo é tudo belo; repara naquelas linhas puras e clássicas. Parece que a grande artista, a sobre-humana Natureza, se esmerou naquela obra.»

Comoviam-no sinceramente as dores alheias. Quando as conhecia, quando pressentia o sofrimento das pessoas da sua amizade, enternecia-se, comovia-se, ficava retraído e silencioso. Sentia-se no seu coração a mesma dor, e no seu espirito, às vezes, a revolta, em nome dos que sofriam e que estimava.

Depois de alguns anos da sua estada em Paris, onde, de começo, educara a mão com Jean Paul Laurens; bem reforçado o seu talento na contemplação dos mestres antigos e modernos; já muito lido e viajado, Manuel Jardim resolve-se a expor no *Salon* de 1911 o seu quadro «*Au dessert*», que de chofre lhe conquista as atenções da crítica.

Tendo-se dado quasi que silenciosamente, até então, ao estudo do Impressionismo, sendo-lhe por isso familiares os trabalhos de Claude Monet, Camille Pissarro, Alfredo Sisley, Renoir, Cezanne, e em especial os de Manet, de quem era sincero admirador, — o seu quadro «*Au dessert*», embora inspirado um pouco na maneira do último dos mestres que citamos, põe logo também em relêvo muitas das formosíssimas qualidades individuais do pintor português. Daí por diante continua estudando, procurando sem cessar e, como todos os grandes temperamentos, insatisfeito sempre.

Interessam-no as descobertas de Chevreul sobre o contraste simultâneo das cores; a famosa lei das complementares: tudo, enfim, que se prende com problemas técnicos. A luz, da qual sempre foi adorador, começou então a ter nos seus trabalhos honras de deusa. São numerosos os quadrinhos, *pochades* e retratos pintados por Manuel Jardim que comprovam o seu poder excepcional de visão e percepção, e que são bem uma sinfonia luminosa. No auto-retrato que publicamos, devido à gentileza do Prof. Henrique de Vilhena, e, sobretudo, no quadro que intitulou «*Femme à l'éventail*», o qual debidamente observámos, isto ressaltava de modo evidente. O último, quasi todo realizado à espátula, por meio duma técnica audaciosa e larga, pode talvez considerar-se a obra prima do pintor, e uma das obras primas da nossa pintura moderna. Tem uma distinção suprema essa dama vestida cor de rosa, figurada de perfil, e segurando, cheia de naturalidade, um leque; tudo, naquele quadro, é luminoso e despido de vulgaridade.

Manuel Jardim era também um poderoso desenhador, que sabia dominar as linhas como um verdadeiro mestre. O desenho que, devido à amizade com que sempre nos honrou, cedera para a *Alma Nova*, onde veio publicado, é admirável de equilíbrio e simplicidade. Que maravilhosa aquela mão em repouso! Um Holbein não hesitaria assiná-la.

Quando um dia se fizer conscientemente a história do movimento modernista português, — daquele a que possa dar-se esse nome, — Manuel Jardim ocupará, de direito, um lugar de precursor. Quando Santa Rita Pintor e outros artistas chegam a Paris, já aí se encontra de há muito Manuel Jardim, pontificando sobre Arte moderna. A morte prostrou há pouco esse nosso bom amigo de corpo débil que era e foi sempre, pelo espírito, um forte. Da última vez em que ambos conversáramos, pelo caminho que vai da Escola Médica ao Rossio, parece que havia no nosso querido Manuel um segredo pressentimento de que seria aquela a derradeira vez que nos falava. Os carros passavam e ele não nos deixava partir! Depois, só voltámos a vê-lo na véspera do seu entêrro, em sua casa, estendido numa urna, e parecendo adormecido sob montões de rosas...

Dada a falta de espaço com que lutamos e faltando-nos também muitos dos elementos necessários para estudarmos serenamente a obra do pintor, não podemos, nem devemos, alongar-nos em considerações pormenorizadas sobre ela. Dar algumas impressões pessoais sobre um artista e uma parte da sua obra, não é precisamente o mesmo que fazer crítica de arte. Conhecemos, sem dúvida, pessoas de competência que podiam ocupar-se do assunto. A nosso ver, o Prof. Henrique de Vilhena estaria em excelentes condições para tratar devidamente do artista. Além das reconhecidas e notáveis qualidades de crítico que possui, e do seu parentesco com o pintor, foi o seu maior amigo e confidente e conhece perfeitamente a sua obra.

SAAVEDRA MACHADO.





MANUEL JARDIM
: AUTO-RETRATO :
INÉDITO

CHAMFORT.

131

EXPOSIÇÕES DE ARTE

Mário Reis, Varela Aldemira e Mário Santos, com uma persistência simpática que muito os honra, vieram pela quarta vez a público expor os seus trabalhos.

Embora nesta interessante Exposição não tivéssemos encontrado individualidades definidas, nem possuidoras, por enquanto, de poder criador, estamos, no entanto, na presença de três moços, artistas de verdadeiro merecimento, perseverantes, trabalhadores, ansiosos de progredirem, e caminhando a passo firme a caminho do ideal. A vista espreita-se com agrado pelas suas pequenas telas aparamentadas de coloridos atraentes e delicados. Observamos paisa-



OS HUMILDES, POR VARELA ALDEMIRA

Mário Santos possui, inegavelmente, as qualidades dum retratista. Deve porém prestar devida atenção às extremidades dos seus modelos, e ao modo, nem sempre natural, como coloca na tela as suas figuras. Terminando, porque o espaço falta, diremos que a visita que fizemos a esta Exposição impressionou agradavelmente a nossa sensibilidade, e fazemos votos sinceros para que os três Artistas prosigam com fé no caminho traçado.

Sobre o certame dos Aquarelistas portugueses, realizado em Madrid, o qual constituiu um belo êxito,



O PINTOR FERNANDO DAVID

POR MÁRIO SANTOS



CABEÇA DE PASTOR

POR MÁRIO REIS

gens com bem achiadas transições de luz, onde, por entre gradações de tons azulados, ou verdes malizados e discretos, surgem, de quando em quando, casinhas amoráveis e rústicas. Mário Reis tem na sua «Casaria de Faro» um trecho feliz e verdadeiro. Varela Aldemira, no quadro que intitulou «A aldeia», mostra-nos um bom pedaço de pintura. Das suas pequenas águas-fortes, a denominada «O filho do Pastor» é graciosa e bem trabalhada. Mário Santos apresenta-nos retratos apreciáveis e cheios de vida. O de Conceição Silva, por exemplo, pode, sem favor, considerar-se um bom retrato. É sóbrio de técnica, tem carácter, e é esplendidamente iluminado e modelado.

escreverá oportunamente nesta revista pessoa competente.

É nosso intento occuparmo-nos ainda, num dos próximos números, de duas exposições ultimamente realizadas no Salão Bobone: a do Consagrado Mestre Pintor de Marinhos, João Vaz, e a de pintura e desenho de Albano Portocarrero Almeida Coutinho e José Luís Brandão de Carvalho.

Sobre a Exposição dos «Cinco Independentes» que representou no nosso meio um acontecimento artístico notável, trata, no presente número da *Alma Nova*, a pena do prof. Henrique de Vilhena.

S. M.

"5 INDEPENDENTES"



(Fot. Barros.— Lisboa)

Um aspecto da Exposição dos "5 Independentes"

EXPOSIÇÃO DE PINTURA, ESCULTURA, GRAVURA E DESENHO.

: : : : PALÁCIO DE BELAS-ARTES, LISBOA, 1923 : : : :

NOTAS DE CRÍTICA TOMADAS PARA A "ALMA NOVA"

: : : PELO PROFESSOR HENRIQUE DE VILHENA : : :

Bastante, de **Diogo de Macedo**, é uma escultura delicada. A sua *Nina de Velásquez* é bela; cuidada e larga, simultaneamente; é uma linda cabeça com pensamento na expressão, na fronte saliente, nos olhos baixos. *Antero* é um tanto literário, sugestionado.

Em *Sic transit gloria mundi* vêem-se as melhores qualidades de artista, deste escultor: espírito e uma técnica sapiente e cuidada. Em *Zeca*, delicadeza, exactidão, cuidado, crítica; e no *Torso de mulher*, a anatomia marca-lhe um caminho seguro logo que pretenda seguir na estatutária nua. Na *Taca para frutos*, composição de corpos em conjunto, **Macedo** sai do que parece ser a sua habitual tendência, a concepção das partes corporais isoladas — a cabeça, particularmente —, mas compõe com uma ligação, uma concatenação, uma energia mesmo que as outras obras não lhe fariam supor; contudo vê-se a procura, o trabalho, a *recherche*, e que teve de imitar, de sugestionar-se, por aqui, por ali.

Nas *gravuras* e nos *desenhos*, bastante numerosos, ele é impressivo, impressionista, leve, interessante, variado e mostra-se com um sentido diferente do que tem como escultor, em que se lhe vê um carácter mais firme e completo, uma atitude mais construtiva e crítica. São apontamentos desenhados ou gravados da sua mais fácil visão, deixando todavia sentir que, no fundo, a ideia escultural é a que o preocupa.

Creemos que **Diogo de Macedo** tem já em si próprio as necessárias qualidades para se dirigir, se orientar e assim enriquecer a sua já distinta obra; destacamos a inteligência fina e o sentido crítico (que em regra bem emprega, podendo, como todos, enganar-se, desviar-se), a delicadeza da concepção e a exactidão e cuidado técnicos.

Henrique Franco tem numerosas telas, mas dispostas de modo que é difícil seguir a evolução do artista; o catálogo da exposição também não nos dá os elementos preci-

sos. Vamos pondo as nossas notas quasi segundo as fomas tirando e ainda que se possa julgar que pecam por demasiadas no seu número e que poderiam reduzir-se, somar-se. O artista, **H. Franco** parece-nos numa fase em que merece todos os cuidados do crítico; e que ele leia uma análise um pouco circunstanciada da sua obra, dispersa sem uma linha condutora ou directriz pelas paredes da Exposição, e talvez sem esta linha directriz no seu próprio espírito, não o julgamos inútil.

294 (quadrinho que não vemos mencionado no catálogo) é uma paisagem discreta, esbatida, sonhadora. A luz, uma certa intenção geral — real ou aparente — nos fizeram recordar algumas das nossas impressões de *Paris de Chavannes*. Luz velada, como de um sol parcialmente eclíptico; intenção meditativa, contemplativa, de recolhimento espiritual, de isolamento deste mundo de acção. O *Retrato do autor* (inacabado, segundo o catálogo) é de uma sobriedade e discreção de desenho, de cor, de luz, de pincelada, que só se obtêm depois de muitos esforços e tentativas e de uma reflexão clara e profunda. **Franco** ali se mostra um pintor de uma finura subtil na apreensão dos malizes das cores, podendo com eles, numa grande restrição de cores fundamentais, produzir uma síntese admiravelmente harmónica, sinfónica, e dar a imagem de uma discreta psicologia. Considerou o artista esse seu auto-retrato *inacabado*. Nós pedir-lhe-íamos que não pretendesse acabá-lo, que o deixasse ficar como está, pois tão perfeito o achamos.

No *Retrato do Sr. Vieira de Castro* ele tem a mesma técnica sóbria e velada em que parece temer ferir de mais o acidente exterior e vincar traços, acentuar cores e definir contrastes que prejudiquem um carácter, uma significação interior. *La blouse rose* é um busto insinuante de rapariga, de menina; tem suavidade, transparência, vibração, verdade, naturalidade. Não menos valioso é o *Estudo* (235, no C.) de uma cabeça de mulher jovem, — sóbrio, rápido e

sintético do ponto de vista da factura, mais forte no sentido expressivo e de uma simplicidade maior que *La blonde rose*. Franco tem um belo sentimento das cabeças femininas, como se vê nestes dois trabalhos e na *Jewne fille* e no que chama «Pintura a essência» (255) e no *Chopéu preto* e nas duas «Cabeças» a pastel (322 e 323).

No *Retrato ao ar livre* notamos uma falta de equilíbrio entre a cabeça da figura e o resto do corpo e o ambiente; a luz, a atmosfera explicam o discreto, o diáfano, o tom suave do tronco e dos membros, enquanto a cabeça tem uma vibração, um brilho, uma indiscreção que sentimos sem consciência. Dir-se-ia que alguém fez notar ao artista que o quadro tinha um ar de não acabado, de obra que se não perfiz, e ele, como que sob essa sugestão, tivesse pretendido dar parcialmente na figura, a nitidez, o bem acabado de academia, cuja falta deveria ser, certamente, a que se lhe censurava.

Na *Arábia II*, Franco tem um interessante momento pictural: frescura, espontaneidade, primeira intenção. Nas *Paisagens do Porto do Pargo, Madeira*, ele é ao mesmo tempo evocativo e decorativo, discreto e vibrante. Uma delas (248, no C.) propende todavia mais para a evocação e o sonho.

Em *O meu quadro de Paris como pensionista* Franco é um bom plástico: a forma da jovem é perfeita, aparte um limitado defeito na perna esquerda, lapso do artista; a pele tem todo o aveludado que se lhe pode sentir a uma certa iluminação. O tom geral é discreto e sóbrio.

No *Ninho* é decorativo, estudioso; ele experimenta, procura fazer diferente, não pata, evoluciona. Em *Os Tabarões* (desconhecemos a significação desta palavra) há com evidência qualidades que correm paralelas.

Num e noutro quadro as coisas veem ao primeiro plano, as cores gritam claramente. *La ponte noire*, que é ainda um quadro de género semelhante, parece aproveitar o trabalho do artista na confeição dos outros dois (ignoramos contudo se os seguiu, se os precedeu ou os entremeou); olha mais à perspectiva e busca o auxílio de outras qualidades que — bem pode deduzir-se do que vai escrito acima — são das que tomamos por melhores e mais características no artista: a sobriedade (que não exclui a riqueza) e a discreção (que implica a noção do conhecimento).

O *Jardim, Funchal* (241) é um trabalho de pintura escultural ou escultural — assim lhe chamamos, sem a ideia de desdouro e sem ignorar o papel impressionista e modernista que por vezes tem tomado. É uma técnica e uma inspiração não conciliáveis facilmente — e assim um pouco diríamos também relativamente ao *Ninho* e aos *Tabarões* — com o carácter do artista no que tem de melhor. Nota-se que ele procura, procura-se, mas se desvia, transvia e pode perder-se talvez. Aquele caminho não nos parece o seu; e, de um modo geral, a preocupação de trabalhar mediante várias técnicas, diferentes maneiras, não julgamos o melhor sentido dum artista. O artista não deve ter a preocupação da habilidade e de demonstrar os seus recursos; deve fazer a obra segundo o seu sentimento sincero e usando a técnica adequada e que pôde conseguir procurando, esforçando-se, mas sem nunca perder de vista o seu temperamento próprio, o seu génio natural. Que H. Franco se não desvarie e desvalorize julgando que estuda ou se estuda a si mesmo e tem por obrigação e missão provar o seu talento, pôr em evidência as suas possibilidades. Quando assim o artista se preocupa, ele é ou torna-se um assimilador, um maleável, e oblitera-se o seu génio próprio e original. A sua missão é fazer a obra conforme o seu sentimento mais profundo e verdadeiro, e a sua mais clara inteligência. O artista é a sua obra, é ela que nós vemos e que fica e desejamos bela e sentida em si mesma. Que ele não nos faça ver em primeiro lugar a sua pessoa trabalhando, porque logo a obra não adquirirá ou perderá o sentido mais extenso, e sofrerá das contingências banais e preocupações diárias que o ferem, e deixará ver o desejo de exprimir aos emullos ou aos rivais ou aos vellos mestres que se encataram, que ele sabe fazer como uns ou como outros e assim não tem o desafio a sua crítica! Que nos importam em nosso trabalho, que nos devem importar as maledicências dos oficiais do mesmo ou de paralelo ofício, ou as observações da crítica de esquina e de café, ou as reflexões acrimoniosas dos cenáculos mesquinhos ou os comentários gelados das academias!? O artista deve lavar-se de tudo isso e caminhar em seu mais sincero e profundo sentido, na ideia, na concepção, na técnica, na execução.

Franco tem ainda muitas paisagens e algumas «naturezas mortas» e outros estudos a óleo. Não são também escassas as gravuras a água forte. Em tudo se reflecte como um bom trabalhador desejoso de produzir uma bela obra. Veja ele bem qual é o seu carácter verdadeiro, que nos parece o transluzido por exemplo do auto-retrato, das duas mencionadas cabeças femininas e de certas paisagens evocativas, — compreensão e técnica podendo dar um grande artista, uma obra muito bela, se amplificados, aprofundados, enriquecidos, — e o seu caminho será brilhantíssimo.

É que em procura do seu próprio carácter se não demore extremamente. Tudo é breve em nossa existência, e todos vamos sentindo que, particularmente, na vida de hoje, as horas, o tempo correm ao lado de nós, tudo parecendo com uma grande pressa de chegar ao fim! Não é com isto que devemos contar?

Le Pont Neuf e *Le Pont St. Michel* de Alfredo Migueis são dois quadros sedutores, especialmente o primeiro de um colorido sinfónico, harmonioso. Nas paisagens, Migueis, além de as escolher conforme o seu sentimento que conhece, põe uma tonalidade suave, uma orquestração delicada e repousante, de cor e de luz, correspondendo à sua íntima emoção.

Este pintor tem um insinuante carácter de vida interior e intimista. Na *Aré e meta* estuda, procura, faz uma tentativa para a sua compreensão de almas e estados de alma exprimindo-se pela pintura dos rostos e corpos. No quadro *Minka mulher* há um grande esforço de interpretação, o qual consegue o objecto. O A., venho contudo pelo catálogo, considera estes quadros «inacabados». Na *Mie e filha* a cabeça da mãe tem uma vida interior grande; na cabeça da pequena é que ainda não se vê a compreensão da primeira, ainda está mal sentida, sem comoção, sem vida própria. A cor vibra, marca-se, destaca-se, nos três trabalhos.

O quadro que enviou de Paris, como pensionista (assim indicado no catálogo) é digno de se admirar e estimar. Há nele sensibilidade, vida espiritual intensa, sinceridade, realidade. A cabeça da mãe, a figura central, não é tão espontânea, fraqueja por esse lado; vê-se que é retocada, reflecte ela mesma com a sua expressão a diligência do artista, o estudo, a dificuldade que se quer vencer; mas não prejudica o conjunto que é belo na ideia, na composição, no sentimento, na emoção.

O espírito de Migueis no que tem de melhor faz-nos pensar em *Carrière*. Possui, como ele, um sentido primordial, relevante, da vida interior, da vida do seu sentimento, da sua alma, e da dos seres em cuja intimidade vive. Migueis, repetimo-lo, é um carácter de vida interior e intimista, confidencial, sentimental, apaixonado. Como supomos também que era em *Carrière*, as imagens chegam à tela depois de terem estado na sua alma.

Mas se Migueis, em nosso conceito, tem em muito e felizmente um feitiço espiritual semelhante ao daquele grande artista francês, a técnica é diversa, de um colorido mais vibrante e menos nuancado, de uma luz mais intensa e menos profunda e invasora; o desenho é também diferente, a linha recorta-se, não se deixa tomar pelos cambiantes de luz e de sombra, não se indetermina modelando brandamente, continuando o ser com o ambiente, mas determina-se isolando-o, destacando-o. Na sua técnica todavia nota-se que Migueis ainda está em fase do pleno estudo, de um esforço contínuo. Pode dizer-se que o seu espírito, a concepção, superam a mão, a execução; a sua visão interior é mais insinuante do que é arguta e perspicaz a sua vista exterior, objectiva.

É assim que os seus quadros ganham em ser vistos a uma certa distância, difundindo-se então no ar, na atmosfera intermediária, os senões, as hesitações, os pormenores traído esforços, dificuldades, e resultando, pela síntese apreendida, uma depuração do espírito das figuras e a despreocupação do nosso sentimento.

Bastante diferente é este pintor, por exemplo, de Henrique Franco. Não é um investigador como Franco, nem um manobrador, fazedor, como ele. Observa menos, é menos psicólogo e no entanto possui um sentimento maior da alma, mais profundo e comovido. É mais sóbrio, sapiente e discreto que Franco e contudo é mais resumido e circunscrito, isto é, menos difuso ou disperso, e mais interior, intimista e confidencial.

O seu caminho já está bem traçado, ele sabe qual é ou deve ser, e também sem dúvida que tem muito e muito que percorrer, que andar. Está começando a marcha, vê as di-

ficuldades, hesita, combate-as, vai vencendo e seguindo. Será um dia, no caminho já iniciado, também um grande artista e a sua obra perdurará. Dêle, cremos, em alguns anos poderá dizer-se, como um crítico notável (G. Séailles) disse de Carrière: «Com uma marcha lenta e segura, guiado por um instinto ao qual não obedece senão aplicando-lhe a sua reflexão, ele eleva-se para a beleza que corresponde à sua alma profunda.»

Dórdio Gomes tem intensidade de carácter, individualidade. Por *Uma família alentejana* pode apreender-se como começou. Em um fundo de paisagem do médio Alentejo, aquelas figuras salientam-se sem frescura, um tanto magradas pelo pincel; o artista obrigou-as, e elas assim se mostram, a pensarem, a causarem-se; mas ele tinha de as fazer, queria fazê-las, destacá-las segundo o seu sentimento, e o seu esforço lá ficou juntamente com as figuras. Já o *Rancho da azeitona* marca uma certa espontaneidade: é um quadro realista, bastante intenso no movimento das figuras, enérgico de concepção e de uma composição já difícil. A

sua veracidade, outro sinal da sua individualidade forte e sincera. Mas a sinceridade não é prejudicada pelo critério, pela discriminação, pelo gosto.

Em *Francisco Franco no seu ateliê de Paris* a técnica é diversa da sua habitual: é sumária, breve, apenas esboça e, no caso, faz o que basta. A *ponte do Carroussel, Paris*, é bela, um trecho verdadeiro de Paris com a sua luz que embriaga.

No *Auto-retrato* Dórdio tem uma das coisas superiores da exposição. É um retrato psicológico, espiritual. Planos bem acentuados, bem definidos, testa luminosa, olhos profundos, ao mesmo tempo com ardor e com sombra. E Dórdio vendo os seus *ceifeiros* (os dos 1.º planos) e o seu *rancho da azeitona*, e a *charneca alentejana*, grandiosa, sombria, sugestiva da vontade, de energia, de independente individualidade.

O *homem do harmonio* é assim, forte, independente, sai da tela, acentua-se.

As *casas de Malakoff* mostram-se com caracteres idênticos, transportados, especificados em casas e ruas solita-



(Fot. Bernès — Paris)

Casas velhas em Malakoff
Por Dórdio Gomes

ceifa tem as mesmas qualidades e, mais em destaque, o sentimento da natureza e do ser humano trabalhando nela, castigado pelo sol ardente e pela necessidade de um rude esforço. A perspectiva, o longe vasto, parecem assinalados em parte por pequenas figuras, os *ceifeiros* nas distâncias. Sem dúvida também o pintor fez assim porque viu assim. Mas aquelas figurinhas parecem-nos bonecos, tiram-nos um pouco, bastante mesmo, a impressão da grandeza, da seriedade do conjunto. O artista não deve ser um copador restrito das coisas; é necessário que escolha, que discrimine, que crie ele próprio. Se a nossa vista, olhando um extenso campo de *ceifa*, ali encontra, a diferentes distâncias por ele, os *ceifeiros*, uns maiores, os mais próximos, outros pequenos ou mais pequenos, os mais afastados, — esses contudo não os vemos como bonecos porque o nosso entendimento espontâneo logo os refere ao seu tamanho natural, à vida envolvente, ao ambiente, à luz... Mas num quadro é mais difícil que isto aconteça e o artista haverá de se juxtapor às dificuldades da pintura como representante da natureza e, assim, não dizemos fugi-las, mas reconhecê-las e procurar a forma de fazer a obra sem que elas apareçam como defeitos. Dórdio Gomes quis ser verdadeiro, pôs no quadro a

suas coisas também assim se vêem, sobretudo às vezes, sumárias, destacantes, um pouco dramáticas, imprecisas.

O que se nota no artista, em resumo: um intenso sentimento da natureza e da labuta dos seres humanos nela. Impregnação da cor e da luz alentejanas e correlativo sentimento da paisagem e dos seres. Tendência para generalizar a sua emoção (*Casas de Malakoff*) e para a caracterizar ainda mais em intensidade, fazendo-a enérgica, individualizadora (*Auto-retrato*, *Homem do harmonio*). Domínio já muito notável de uma técnica em que o desenho, a cor, a luz, a composição realizam já um bom conjunto.

Defeito que se lhe pode apontar: às vezes uma certa falta de gosto (por ex., o pormenor citado da *Ceifa*) que nos parece um reverso inicial de suas mesmas belas qualidades.

Caminho que se lhe pode indicar: o que já tomou, de individualidade crescente e ascendente, de realismo, de intensidade; sem esquecer o critério, o julgamento, a discriminação.

Francisco Franco, escultor, é despreocupado, agradável e forte. O *Busto de placa* assim se mostra; o escultor mar-

com, gravou, fez, seguiu, caminhou. Na *Criança*, do mesmo modo, com energia. Talhou a golpes. E como ele sente a criança, sem suavidade, antes com força, rudeza e, supondo talvez (e deve ter razão) que ela será um futuro escultor para quem a vida é matéria ou material a atacar rijamente, com o cinzel ou o escopro ou o mazo, ou a mão forte e modeladora, e a esculpir, a tirar dela esculturas. Na criança *O Gil*, que já sentido temperamento! É a seguir o artista, com uma intenção análoga e um impeto notável, ataca um duro e tóscio pedaço de madeira (*Máscara*) e talhando-o com precisão, forma uma excelente cabeça dolorosa, toda emoção espontânea e profundo carácter. O *Torso de mulher* é também, pela parte das coxas, ancas e ventre, espontâneo, forte e seivoso, impregnado de juventude.

A *Rapariga francesa* parece uma cabeça arcaica grega, patinada de modernismo — permita-se esta maneira de dizer. Cabeça! Face sobretudo é o que o escultor fez, o crânio não o preocupou muito, apañou o que mais importava à sua impressão e seguiu!

Na *Figura tumular* (monumento levantado na Ilha da Madeira) vê-se evocação, emoção lançada para o alto, para diante, em oração, em êxtase! Corpo curvado sobre os joelhos e as pernas, cabeça erguida, olhos fechados, braços em prece, imploração! O *Arador* (monumento comemorativo do *raid* Lisboa-Madeira) é pensamento lançado, vontade dominadora, simbolizados naquela cabeça que ela mesma tem asas, na boca descerrada, na fronte saliente, nos olhos de vista aguda, projectada para a frente e para baixo um pouco.

No *Retrato do Dr. Teixeira Duarte Franco* é realista e cuidadoso.

O *Busto do pintor Manuel Jardim* é uma obra em que a impressão do artista parece ter sido alçada sobretudo por um sentimento dramático, certamente sugerido pelo seu conceito ou o seu instinto sobre a vida de Manuel Jardim. O rosto está macerado, quasi se diria, flagelado; o olhar é alto, longínquo, parecendo atirar-se para um além fatal, irremediável. O artista, concebendo assim, tinha uma convicção dolorosa, uma emoção dramática. Sentiu daquele modo o seu amigo, o seu confrade na arte, e fez a imagem da sua própria impressão. Propriamente um retrato — espiritual, como devia ser — do que era habitualmente Manuel Jardim,

não está ali. E não está ali também a concepção do escultor da obra de Manuel Jardim através os seus traços fisionómicos, como o *Bulwar* de Rodin ou o *Jean Paul Laurens* do mesmo. Isto é, a fusão da fisionomia do homem, do autor, do escritor ou do artista retratado com o espírito da sua obra. O sentimento estético de Manuel Jardim não era tomado ou vincado de dor: quando esta consequência atingia a sua alma, logo ela mesma lhe recusava entrada na sua estética, na sua expressão artística.

Ainda há outras esculturas e numerosas gravuras de Francisco Franco, evidenciando a sua bem orientada actividade, a sua estudiosa iniciativa, aliás livre e energética. Franco é um escultor — é verdadeiramente um escultor. O que pensa e sente é o que esculpe e as suas esculturas são o seu próprio pensamento ou sentimento. O seu caminho está bem lançado e ele pisa-o com segurança, no riso e nos olhos um certo ar ingenua — e pretendidamente desafiador! Que sempre conserve a sua bela disposição de artista que produz e quer formar a obra por ela mesma, pela beleza produzida, pela energia derramada, e o que se lhe deve desejar com extrema simpatia.

Não nos referiremos um pouco a alguns trabalhos de Eduardo Viana, Mily Possoz e Almada Negreiros, que se encontram na Exposição por convite dos 5 Independentes. E não o fazemos precisamente pelo sentido fragmentário e isolado dos poucos trabalhos que expuseram.

Resta-nos falar de alguma coisa que ainda na recente Exposição extremamente se deve apreciar. Os expositores deram ao busto do seu falecido e saudosíssimo confrade Manuel Jardim o lugar de honra. Como que votaram aquele sincero e elevado concurso dos seus trabalhos à memória do seu ilustre companheiro, que assim honraram, acrescentando-lhes também, com esse acto, a sua própria dignificação.

Mais palavras não há que dizer. Os actos falam melhor do que as bocas ou a pena. E se aqueles artistas já de tanto se tornaram merecedores pelo que apresentam de obra desanuviada, impetuosa, sincera e bela, também muito merecem pelo seu elevado e próprio sentimento.

20 — XI — 1925.

HENRIQUE LE VILHENA.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

Assim consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — Assinando e recomendando a *Alma Nova* às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número das assinaturas de pagamento garantido;

2.º — Concedendo ou angariando quaisquer subsídios para desenvolvimento geral do programa da *Alma Nova*, ou de qualquer das suas secções;

3.º — Anunciando ou fazendo anunciar na *Alma Nova*, invocando a larga distribuição da mesma por todo o país, ilhas e colónias, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

É condição indispensável a todo o bom "Amigo da ALMA NOVA" angariar pelo menos um novo "Amigo".

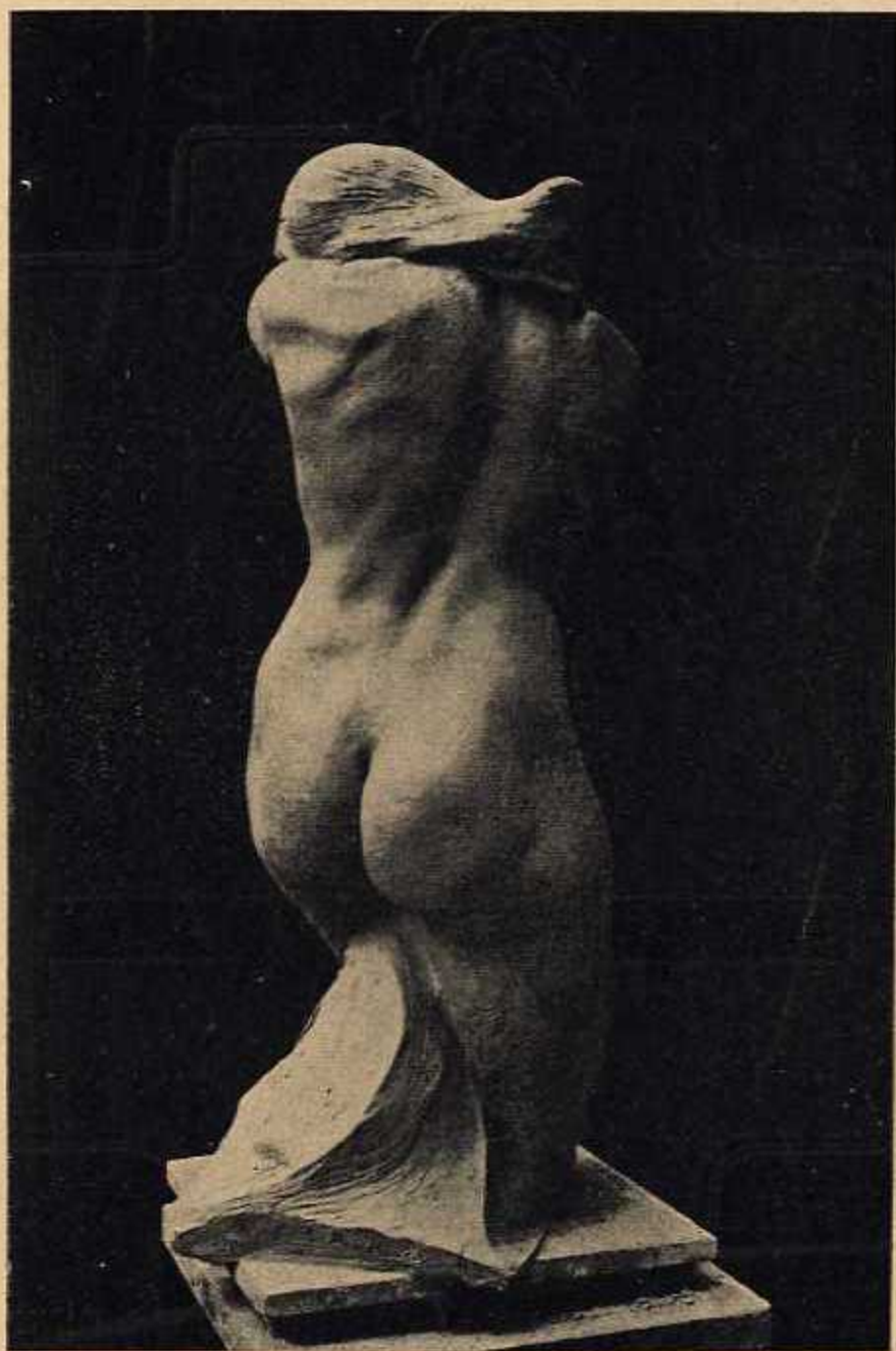
Todos os «Amigos» têm o desconto de 20 % nas suas assinaturas da revista e 10 % nas demais obras editadas pela Empresa «Ressurgimento».

«Amigos» já inscritos:

(CONTINUAÇÃO)

- 31 — Dr. Fidelino de Figueiredo. Escritor — Lisboa.
- 32 — Dr. Ascensão Contreiras, Médico — Lisboa.
- 33 — João José Gomes, Escritor e Artista — Lisboa.
- 34 — Carlos de Melo Pimentel, Ministério do Comércio.
- 35 — Jorge Salazar Antunes — Vizeu.
- 36 — Dr. Jaime da Graça Mira, Professor — Coimbra.
- 37 — Dr. Luís A. dos Santos, Advogado — Lisboa.
- 38 — J. I. Bentes Pimenta, of. do Exército — Lisboa.
- 39 — José Filipe Pilar, Correios e Telégrafos — Lisboa.
- 40 — Pedro Guedes, Professor e Artista — Lisboa.

- 41 — Dr. Alfredo Tenório de Figueiredo, Prof. — Lisboa.
- 42 — Eugénio Ribeiro — Albergaria-a-Velha.
- 43 — Dr. Vergílio da Rocha Dinis, Professor — Viseu.
- 44 — H. d'Assis Gonçalves, of. do Exército — Coimbra.
- 45 — J. Serrão Coelho de Sampaio — Gaia.
- 46 — Alexandre Prista — New-York, América.
- 47 — Aniceto Ferreira, Pittsfield, Mass. — América.
- 48 — Dr. Rogério Buendia, Escritor — Espanha.
- 49 — Dr. Braga Paixão, Professor e Jornalista — Açores.
- 50 — Artur da Costa Marques — Ministério do Com.



"BAIGNEUSE", POR
: DIOGO DE MACEDO :
Salon de 1923. — Paris

MULHERES... E FLORES



RAPARIGA MINHOTA

DES. DE SAAVEDRA MACHADO

MULHERES e flores são irmãs, porque são o mesmo canto emotivo da Natureza falando ao coração dos homens.

Ambas são femininas e, por isso, ambas gloriosamente mulheres...

Vestais do belo, lhes chamou o sábio Mantegazza — às primeiras — num seu curioso livro de psico-fisiologia. Anjos tutelares da graça, asas piedosas da candura, cantos espirituais dum ignoto além enchendo a nossa vida de perdoes e seismas, eu julgo que antes se lhes deveria chamar, se as de que porventura se trata têm o título de Portuguesas!

Saavedra Machado, um dos mais portugueses e mais sinceros dos nossos grandes artistas ilustradores, assim soube sentir, e como raros, no lindo tipo de rapariga minhota, que aí se ostenta, essa verdadeira beleza íntima, irmã gêmea das flores, que tanto caracteriza o tipo ideal e verdadeiramente inconfundível da mulher da nossa terra.

M. M.

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA"

Croquis
de António Maria

Croquis de António Maria

RAFAEL BORDALO
E AS MULHERES

Por SAAVEDRA MACHADO

Mulheres do Boas Jesus
do Monte

TALVEZ porque as atenções dos estudiosos convergissem de preferência para determinados e mais discutidos aspectos das obras de Bordalo, — especialmente o político, — pouco se tem reparado até agora noutras aspectos de importância, que também as valorizam, e, entre esses, tem a mulher um dos lugares mais salientes.



A Gerálina

Ela aparece nas páginas do caricaturista como das criações a que ele soube prestar mais atenção e a que ligou os maiores cuidados. A filha de Eva, dada a surpreendente fertilidade criadora de Rafael, surge-nos a cada passo do bico do seu lápis, ora alegre ora triste, amorosa ou irritada, aristocrata ou plebeia, ignorante ou sábia, criminosa ou santa, artista ou burguesa vulgar. Aparece-nos com as mais variadas expressões fisiognômicas; exercendo os mais diferentes papéis, ou interpretando os mais diversos papéis: é vendedeira de peixe ou de hortaliça, ama de leite ou criada boçal, taberneira ou vendedora de fruta, mulher elegante ou de alta roda, velha de capote e lenço ou menina namoradeira, senhora inquilina ou proprietária, dama sedutora ou repelente.

Croquis
do António Maria

As mulheres de Bordalo constituem, só por si, uma galeria soberba de tipos femininos, que é de toda a oportunidade analisar. Pode dizer-se que quasi não houve publicação do nosso humorista onde ele deixasse esquecidas as mulheres, ou não lhes dedicasse, em páginas de mais variada importância, alguns desenhos. Para o lápis de Bordalo as mulheres foram um dos assuntos, que o Mestre, auxiliado pelo poder admirável do seu génio criador, melhor tratou; e poucos artistas conhecemos, dentro ou fora da sua especialidade, que, tanto como Rafael, as tivessem compreendido e interpretado, porque poucas foram como ele, observadores expressivos e amoráveis.



Croquis do António Maria

Não lhe deveram só atenções as mulheres belas e simples do nosso tempo, que ele desenhava carinhosamente, como boas portuguesas; deveram-



Rafael D. Maria Din

do mais subido mérito.

Domenico del Ghirlandajo pintou Sant'Ana e a Virgem rodeadas pelas mais belas Florentinas do seu tempo, sobressaindo entre todas, pela notável elegância e formosura que possuía, Caneva de Benci.

Um dos trabalhos que mais imortalizou o pintor Leonardo da Vinci, foi, como é sabido, o conhecido retrato de Mona Lisa del Giocondo, a Gioconda, de misterioso sorriso.

O arrogante Miguel Angelo consagrou grande amor a Vitória Colonna, marquesa de Pescara, mulher das mais espirituosas e formosas do seu tempo, sofrendo por morte dela imensa dor.

Andréa Vanniuchi, ou Andréa del Sarto, como geralmente é conhecido, deveu a paixão que teve por uma mulher formosíssima, mas de génio excessivamente violento, todas as suas desgraças. Essa mulher, que foi depois esposa de Andréa, e figura quasi sempre como modelo das suas madonas, acabou, depois de ter infligido as maiores torturas ao infeliz artista, por desprezá-lo à hora da morte.

Francisco Goya y Lucientes não foi apenas um dos grandes mestres da pintura espanhola, em que sobressaíram os nomes de

Croquis do
António MariaCroquis
do António Maria

Trizana do Relacho



Marias Periquitadas

Velásquez, Murillo, Zurbarán, e outros. Foi também um brigão ferido e um amoroso incorrigível, cujas aventuras deram brado em Saragoça, Madrid e Roma. Nesta última cidade foi surpreendido uma vez, de noite, quando escalava os muros de um convento com o fim de raptar uma rapariga. O caso produziu escândalo e, para que o pintor pudesse escapar ao castigo do Vaticano, foi necessária toda a influência do embaixador de Espanha, vindo-se o artista na necessidade de regressar a Madrid.

De volta à pátria, Goya casou com Josefa Bayen, irmã dum seu velho amigo de atelier.

Ultteriormente, o notável Aragonês, tendo alcançado grande fama, viu-se rodeado no seu estúdio pelas maiores celebridades da época, e pelas damas da alta aristocracia madrileña.

Nesse período pintou Goya alguns retratos de mulheres da mais surpreendente formosura. A corte e o rei honraram-no com a sua intimidade.

Protegido da rainha, fez-se partidário, contra ela, da duquesa de Alba, o que lhe valeu também um pequeno desterro, findo o qual voltou à corte, prosseguindo aí, junto das mais lindas e nobres mulheres, nas suas aventuras de amoroso insociável.

O nosso grande pintor Domingos António de Sequeira amou perdidamente uma jovem que era filha, ou sobrinha, do italiano Cicoletti, rico proprietário em casa do qual esteve hospedado em Roma, na via di Pace e Perna.

Posteriormente, quaisquer factos ignorados ressaltantes deste episódio amoroso de Sequeira, pareceram ter dado origem, em parte, a uma grave resolução da sua vida (1).

Rafael Bordalo Pinheiro, possuidor de temperamento expansivo e amorável, que vemos transbordar por toda a sua arte, não podia na mocidade ter ficado insensível ao amor. E esse affecto de Bordalo ninguém melhor o relatou do que João César Machado, quando escreveu: «Conhece-se o amor no muito que se sacrifica; é talvez uma das diferenças mais íntimas que há entre ele e a amizade: a amizade faz sacrifício de muitas coisas, o

amor sacrifica-se muito a si. Por isso na hora em que Rafael Bordalo se apaixonou pela senhora com quem veio a casar, cortou logo todo o género de prazeres e de divertimentos que lhe tornavam a vida agradável, e foi viver uns poucos de meses na Outra-banda, onde essa menina estava a banhar-se.

Vivia como um assossino, como um malfeitor, como um homem muito facinoroso, sempre escondido, sempre disfarçado (2), por causa da mãe da menina, que costumava repreendê-la asperamente quando a assistia. O primeiro amor é muito cantado, mas não lhe fazem nisso favor nenhum, porque realmente o merece; basta ser o único filho isento de amor próprio quanto o amor pode chegar a sê-lo!

No fim de um ano daquela vida quasi melodramática, pela forma, resolveu casar-se, casar ou morrer.

Pede-se a noiva; mas há recusa; ele tira-a aos patrios poderes por meio de justiça; o casamento faz-se em treze dias (3).

Em todas as épocas, na verdade, as mulheres influíram na vida dos artistas e foram quasi sempre as melhores inspiradoras dos seus trabalhos. E, tanto valeram para o bom éxito destes, como concorreram para a glória, ou fatalidade daqueles.

Por isso o diuino Goussier finaliza a seu conto «O velo de ouro» com as seguintes palavras, que põe na boca deliciosa de Gretchen, namorada e modelo do pintor Tibúrcio, quando este se resolve desposá-la: — «Serei a mulher de um grande pintor, mas não vos esqueçais, senhor, que fui eu que descobri o vosso génio, esse precioso diamante — eu, a Margaridinha da rua Kipdorp!»

(Excerto dum livro a sair).



A Senhorita Rosa Villa



A actriz Maria D'Almeida



Leitista Duarte



Uma das figuras da 'Carpasinha' de Teixeira de Faria

(1) Essa resolução diz respeito à entrada do pintor no convento de Cortincha. Vide o n.º 7 da revista *Artes e Letras*, 3.ª série, pag. 103, 1974; extracto da sítiqua de Sousa Heltzin sobre Domingos António de Sequeira.

(2) Na sala 3 do Museu de Rafael Bordalo Pinheiro há um desenho do artista em que este se representa vestido com o traje com que lutava à torpedeira.

(3) Vide o prefácio da *Alma de caracalano* (Frasen e accia) da língua portuguesa, 1876, pag. 14.

EVANGELIZADORES DA LÍNGUA

1

O primeiro dever de qualquer homem é falar e escrever com correcção a sua língua. Mas o primeiro dever de qualquer escritor não é só falar e escrever com correcção a sua língua, — mas conhecê-la toda como virtuoso, amá-la toda como artista, e respeitá-la toda como sacerdote.

2

QUANDO ao que escrevo descubro um erro contra a linguagem, punge-me um remorso que eu sinto nascido do meu sangue: é um remorso ético que me desola, não já como mau artista, mas como matador da pátria.

3

Os Gregos tinham professores cuja missão era ensinar às crianças de Atenas o ritmo e a pureza da sua língua. Eram os músicos da gramática. Não seremos agora os hecicos da linguagem? Deixamos embrulhar-se e escurecer-se aquela música latina que no Poema, subindo das naves, ia afagar a rósea concha dos ouvidos de Vénus.

4

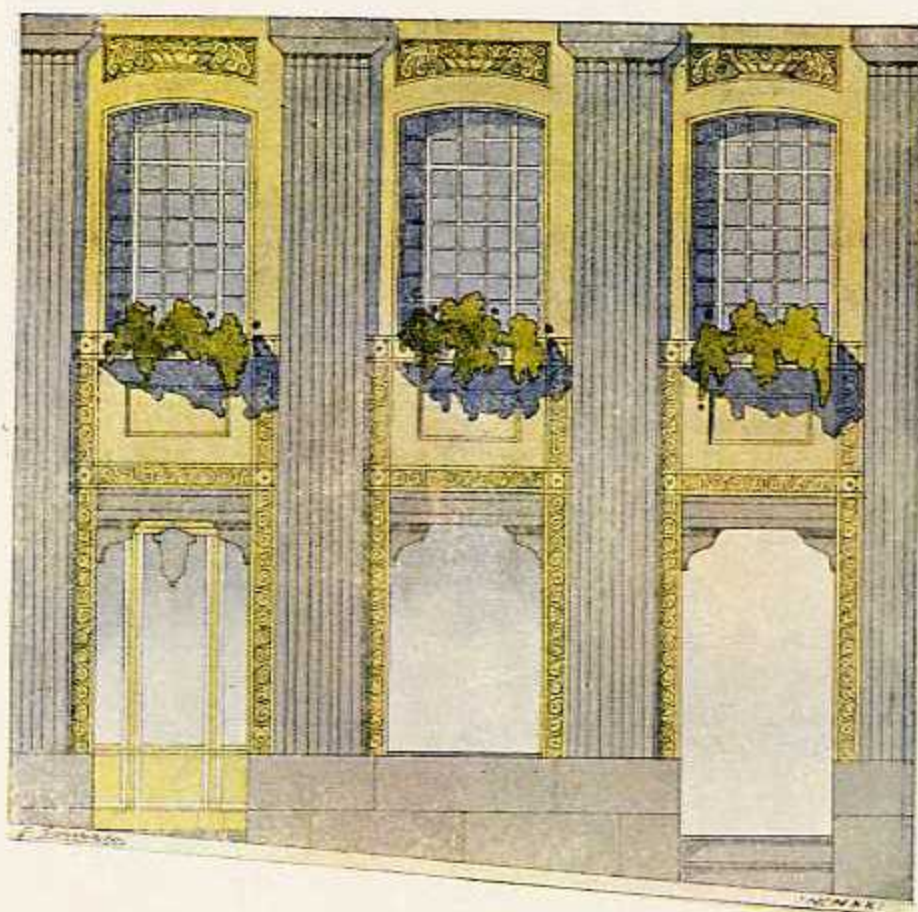
Na língua portuguesa há caçoulos de aromas em cujo ardor esvaído a alma voga.

(Em *Demanda do Graal*)

AFONSO LOPES VIEIRA.



ARQUITECTURA



PROJECTO DE FACHADA

JORGE SEGURADO.

A «ALMA NOVA» NAS PROVÍNCIAS

O ALGARVE

E A SUA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA

Fala o Dr. Mauricio Monteiro

Maurício Monteiro é um espírito novo, inteligente e muito equilibrado. Porque julgamos haver certos desequilíbrios nalgumas reivindicações autonomistas, desejámos ouvi-lo sobre o Algarve, provincia a que Tomás Cabreira, saúdoso amigo e ex-ministro das finanças, attribuiu as mais amplas condições para uma verdadeira autonomia. O nosso velho camarada, que hoje desempenha funções administrativas num dos mais ricos concelhos algarvios, responde-nos como segue:

“Não vejo motivo para se alarmarem os gansos do Capitólio com a autonomia do Algarve. Autonomia administrativa não quer dizer *independência*, mas sim uma *inter-dependência* natural, baseada no desenvolvimento económico da provincia, que reclama de há muito uma vida administrativa muito sua, de forma a colocá-la fora das peias do Terreiro do Paço, que tudo promete e nada faz — umas vezes porque os governos não podem, outras porque os não deixam. A nossa autonomia significa, pois, uma mútua colaboração, uma conjugação de esforços, que, tendendo a desenvolver o Algarve, desenvolve e enriquece implicitamente o país, de que este é uma parte componente, e isto não só no ponto de vista político, mas ainda no fiscal e económico.

Há quem veja no regionalismo autonomista uma fonte de desagregação perigosa, de sintomas anárquicos. Pelo contrário: tudo depende do estado de cultura e desenvolvimento da região a que se concede tal regalia, semelhantemente à emancipação concedida ao menor para reger a sua pessoa e bens.

Não há, por consequência, motivo para sustos. E se encarmos o problema à face da ciência moderna e das experiências feitas, nós somos levados à conclusão de que está no regionalismo autonomista a revivescência das nossas qualidades e das nossas virtudes ancestrais, que constituem ainda o melhor sustentáculo no meio desta desagregação nacional.

O Algarve tem, além disso, como nenhuma outra provincia, os elementos mais aconselháveis para reclamar a sua autonomia. E não só nos seus costumes, nas suas tradições, e no seu clima, mas ainda no seu grande desenvolvimento industrial e no seu enorme comércio, quer interno, quer de exportação. Lá estão, porém, as cifras da contribuição industrial — longe de constituírem o verdadeiro índice — a demonstrá-lo claramente. A criação de filiais e



Dr. Mauricio Monteiro

agências de bancos não atesta bem a importância das suas transacções? Mas para quê citar números e indicar factos, se eles são do domínio público.

Os seus portos, estou certo, estariam hoje em melhores condições de navegabilidade, se estivesse nas nossas mãos, algarvios, o poder melhorá-los. O interesse directo na sua melhoria iria actuar no espirito dos dirigentes da provincia, levando-os a obras práticas e de urgente e immediata utilidade pública, porque as receitas da provincia dão fartamente para isso.

No ponto de vista do turismo, o Algarve oferece como nenhuma outra provincia pontos inéditos de uma beleza inconfundível. Terminado que seja o hotel da Praia da Rocha, e entregue as Caldas de Monchique a uma empresa competente e arrojada, a provincia em breve passará — feita a devida propaganda — a ser aquilo que tem direito: *a mais bela das oito filhas do nosso Portugal.*

E' todavia indispensável vesti-la convenientemente, adorná-la, para que possa ser apresentada ao estrangeiro, sempre curioso das nossas belezas.

A lenda de que o algarvio é indolente está de há muito deitada por terra; a sua actividade comercial e industrial assim o demonstra, dia a dia. E se algum sangue árabe, fatalista e rotineiro, na verdade, por cá existe, não menos certo é que antes dele já por cá havia muito sangue grego e fenício, cruzado com raças e civilizações diferentes, e constantemente retemperado e posto à prova no periodo das nossas descobertas e conquistas, nas quais o algarvio, marítimo, tanto contribuiu.

Não faltam homens capazes de arcar com a administração da provincia. A dificuldade está simplesmente em arrancá-los da tebaida em que se entrincheiraram, sem nos preocuparmos com o credo político.

A seguir:

Fala o illustre engenheiro-agrônomo e comendador sr. J. Ferreira Nelo.

NO PRÓXIMO NÚMERO LENDAS DO ALGARVE

(AS MOURAS ENCANTADAS)

Notas póstumas recompiladas expressamente para a “Alma Nova”

POR ATAÍDE OLIVEIRA

(Com uma carta inédita d'este erudito investigador)

TURISMO

Secção dirigida pelo Prof. M. Pereira da Silva,
para divulgação das belezas naturais do país, ilhas e colónias,
e estudo das suas principais fontes de riqueza

ESCRREVÊRAMOS nas «Palavras de Abertura» do n.º 1 da presente série:

«Literariamente, a *Alma Nova* procurará ser a confirmação do seu programa de Arte. Arte, bem entendido, no significado genérico de *Culto da Beleza*».

«Como revista moderna, acompanhará em conjunto a evolução intelectual das novas gerações, eximindo-se, todavia, ao exagero de exotismos que possam desvirtuar a missão que se impôs».

«Será assim uma revista não somente para os Iniciados, para os que já definiram a sua predilecção por esta ou aquela corrente, mas uma revista completamente ao alcance de todas as sensibilidades e até, se possível, de todas as inteligências. O que nas suas páginas se pretende ensinar, sobretudo, é a melhor conhecer e amar Portugal».

«Em Ciência fará obra de simples divulgação. Deixando as revistas das especialidades o aprofundarem os diversos assuntos, dêles dará, no entanto, a suficiente matéria para uma ilustração mais do que geral».

Nestas bases modestas, mas tão nitidamente definidas, quanto em nós havia e há a consciência nítida do que se tem a fazer, a ideia duma secção de «turismo» ou de «divulgação regional», não nos podia parecer mais oportuna.

Pensando o ilustre professor sr. Pereira da Silva na publicação dum periódico com os mesmos intuitos, procurámos, pois, entrevistá-lo, a fim de lhe lembrarmos a conveniência de se não dispersarem actividades em publicações infalivelmente efêmeras, quando dentro da própria *Alma Nova* tanto de útil, e até sob maiores garantias, talvez se pudesse realizar.

Sua Ex.ª, de completo acôrdo conosco, responde-nos, com inextinguível entusiasmo:

—«Evidentemente! Além disso, dada a já larga difusão da revista *Alma Nova*, e ainda a facilidade de mais vir a desenvolver-se, com a

nossa entrada para o seu corpo redactorial, todos seremos nesse ponto a lucrar. Não tive ainda ocasião de consultar alguns dos meus colaboradores, mas estou absolutamente convencido de que participarão da minha firme opinião sobre as vantagens do nosso ingresso na revista. E desde já lhe posso afirmar que entre eles se encontram elementos de todos os distritos do país, ilhas e colónias, dispostos, como eu, a trabalhar a sério, com alma. Urge, porém, começar. Em Portugal não se conhece ainda devidamente o país; as suas belezas naturais são absolutamente ignoradas pelo nosso povo. Muitas riquezas naturais que podiam ser vantajosamente aproveitadas estão, umas por desconhecimento, outras por ignorância e desmazelo, vilmente no abandono. Mais ainda, os interesses regionais têm sido por completo postos de parte por todas as entidades que dêles se deviam ocupar. Aguas minero-medicinais, riquezas extractivas do solo, aproveitamento das torrentes, estudo dos terrenos de cultivo, desenvolvimento de estâncias de turismo, inquérito à indústria hoteleira das termas e praias, — de tudo isto e muito mais, que se encontra por fazer, nos procuraremos ocupar; e sem outros interesses, é bom dizer, que não o de bem elucidarmos o público, com ensinamentos úteis, e o de reunirmos em nossa volta um forte núcleo de bem-intencionados».



Um lindo trecho do Minho

(Des. de E. ROMERO.)

professor Dr. Pereira da Silva acaba de assumir a direcção.

Toda a correspondência relativa à mesma deve desde já ser remetida ao respectivo director.

Brevemente:—SIMÃO BOTELHO do *Amor de Perdição*.—Notas médico-psicológicas, pelo Dr. António Carvalho Dias.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. — TÍTULO I. — LIVROS (PROSA)

(CONTINUAÇÃO)

- 25 **Campos** (António Mário de Figueiredo) — (Tenente-coronel do corpo de Estado-Maior, lente da Escola Militar) — «Aos Soldados Desconhecidos» — folh. (0,160×0,241) com vinheta. — Tip. da Escola Militar, Lisboa, 9 d'Abril de 1921. Edição do Autor.
- 26 **Idem** — «Na penumbra da Grande Guerra. O suplicio duma alma» — folh. 9 p., c. il. (0,150×0,225), Imprensa Nacional, Lisboa, 1922. Edição do Autor (1).
- 27 **Campos e Sousa** (Valeriano António de) — (Capitão de Artilharia) — «No turbilhão vermelho» — 156 p., c. il. (0,090×0,140), Imp. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d., edição de João Romano Torres, Lisboa.
- 28 **Cândido** (Zeferino) — (Lente da Universidade de Coimbra) — «O canhão vence... A verdade convence» — 171 p. (0,090×0,152), Imp. Libânio da Silva, Lisboa, 1915, edição da Livraria Ferreira, Lisboa.
- 29 **Cardia** (Amélia) — «Episódios da Guerra» — 170 p., com retrato da Autora (0,083×0,133), Impr. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d., edição da livraria Portugal-Brasil, Lisboa.
- 30 **Carlos Selvagem** (pseudónimo do capitão de cavalaria Carlos Tavares Afonso dos Santos) — «Tropa d'África. Jornal de campanha dum voluntário ao Niassa» — 424 p., il., c. il. pelo capitão Menezes Ferreira, (0,080×0,133), Renascença Portuguesa, Porto, 1919. Tem 2.ª edição, 367 p., 1921.
- 31 **Carneiro de Moura** (João Lopes) — (Director Geral da Administração Pública) — «Depois da Guerra. Portugal e o Tratado de Paz» — 267 p. (0,091×0,162), Imprensa Nacional, Lisboa, 1918, edição de Ailand & Bertrand, Lisboa.
- 32 **«Cartilha do Poro: 1.º encontro: Portugal e a Guerra»** — folh. 29 p., (0,076×0,126) — Renascença Portuguesa, Porto, 1916.
- 33 **Casimiro** (Augusto ... dos Santos) — (Capitão de Infantaria, do Bat. de Inf. 23 do C. E. P.) — «Nas trincheiras da Flandres. 1917» — 268 p., c. il. por Diogo de Macedo e um desenho de Cristiano Cruz (0,080×0,134) — Renascença Portuguesa, Porto, 1918. Tem 4.ª edição, 248 p., Setembro de 1919.
- 34 **Idem** — «Sidónio Pais. Algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra» — 347 p. (0,080×0,131), Impr. Moderna, Porto, 1919, edição da livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Porto. Tem 3.ª edição.
- 35 **Idem** — «Calvários da Flandres. 1918» — 213 p., c. il. por Sousa Lopes (0,080×0,135) — Renascença Portuguesa, Porto, 1920. Tem 3.ª edição.
- 36 **Idem** — «Portugal na guerra do mundo. I — Naulila» — 240 p. (0,085×0,133), Imprensa da Universidade, Coimbra, 1922, edição «Seara Nova — Anuário do Brasil», il. com 3 esboços itinerários de marchas e do terreno do combate de Naulila.
- 37 **Castro** (Augusto de ... Sampaio Corte-Real) — «Campo de ruínas. Impressões da Guerra» — 209 p. (0,075×0,150), Tip. da Imprensa Portuguesa, Porto, s. d. (1919), edição da Empresa Literária Fluminense, Lisboa, s. d. (1919). Tem 4.ª edição em 1923.
- 38 **Chagas** (João) — «Portugal perante a Guerra. Subsídios para uma página da História Nacional» — folh. 32 p. (0,099×0,170), Tip. da Empresa Guedes, Porto, 1915. Edição do Autor.
- 39 **Clark** (Miron) — «Os Estudantes na Presente Guerra. Palestra realizada na Filial em Coimbra da Federação Mundial de Académicos, em 8 de Dezembro de 1916» — folh. 23 p. (0,073×0,125), Tip. Progresso, Porto, 1917. Edição do Autor.
- 40 **Cortezão** (Jaime Zuzarte) — (Capitão-médico miliciano, em serviço no Bat. de Inf. 23 do C. E. P.) — «Memórias da Grande Guerra. 1916-1919» — 242 p., il., c. il. por Sousa Lopes (0,081×0,135), Renascença Portuguesa, Porto, 1919.
- 41 **Costa Dias** (Manuel) — (Capitão do Serviço de Administração Militar) — «Flandres. Notas e impressões» — 276 p., il. (0,080×0,144) — Tip. Libânio da Silva, Lisboa, 1920. Edição do Autor.
- 42 **Cunha e Costa** (José Soares da) — «A moral política e a beleza espiritual da Guerra. I: a Bélgica» — folh. 43 p. (0,090×0,160), Imp. Libânio da Silva, Lisboa, 1915. Edição da livraria Ferreira, Lisboa. (Conferência proferida no salão nobre da Liga Naval Portuguesa, em Lisboa, na noite de 13 de Março de 1915).
- 43 **Delduque** (Adelino ... da Costa) — (Capitão de Infantaria, da 5.ª Brigada do C. E. P.) — «Notas do cativo. (Notas dum prisioneiro de guerra na Alemanha)» — 103 p.,

(1) O Autor foi louvado e condecorado com a Medalha Militar de bons serviços pela publicação destas obras (O. E. n.º 5, 2.ª Série, de 31 de Março de 1922, pags. 185 e 190).

- (0,090×0,139). *Of. Gráficas do Exército, Lisboa, 1919. Edição da livraria Rodrigues, Lisboa.*
- 44 **Dias (António)** — (Tenente miliciano de Infantaria, do Bat. de Inf. 13 do C. E. P.) — «Nas garras da Kultur. Impressões de um prisioneiro de guerra na Alemanha» — 180 p., il. e c. il. (0,080×0,129), comp., imp. e edição da Tip. Montes Hermínios, Ceia, 1920.
- 45 **Idem** — «Honra e Glória. Alocução proferida no juramento de bandeiras dos recrutas de Infantaria n.º 35, no dia 21 de Dezembro de 1919» — folh. 15 p. (0,093×0,117), comp., imp. e edição da Tip. Montes Hermínios, Ceia, 1920.
- 46 **Fabre Ribas (A.)** — «O Socialismo e o conflito europeu. O Kaiserismo: eis o inimigo!» — 202 p. (0,091×0,151), Imp. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, 1916. Edição de Guimarães & C.ª, Lisboa. Com um prefácio de Sebastião de Magalhães Lima, um prólogo de Vicente Blasco Ibañez e uma carta de Gregório Alexinsky.
- 47 **Ferreira do Amaral (João Maria)** — (Major de Infantaria, Comandante do Bat. de Inf. 15, dos Morteiros da 1.ª Divisão e do IX Bat. do C. E. P.) — «A Mentira da Flandres e... o medo» — 496 p., com retrato do Autor (0,085×0,146), s. l., 1922. Edição da livraria Rodrigues, Lisboa. Na capa a epigrafe: «Quos vult Jupiter perdere, dementat prius». Tem 4.ª edição, 1922.
- 48 **Idem** — «A Batalha do Lys. A Batalha de Armentières ou O 9 de Abril» — 63 p., c. il. com a «máscara» do Autor, il. com os retratos dos generais Ludendorff e Gomes da Costa (0,091×0,143), Tip. do Comércio, Lisboa, 1923. Edição do Autor. (É o 2.º milhar. Foi publicado em 1920 no «Jornal de Benguela», sob o pseudónimo de «João Ninguém» e no ano seguinte, 1.º milhar, em separata do mesmo jornal, revertendo o produto líquido da venda a favor dos Matilados da Guerra. Tem 3.ª edição, 1923.
- 49 **Ferreira (M. A. da Silva)** — «História da Guerra Europeia» — 1 vol. de 12 tomos de 32 p., il. e c. il., (0,091×0,151), Tip. de Francisco Luis Gonçalves, Lisboa, s. d.
- Referências à cooperação de Portugal e às tropas portuguesas: Tomo 43, págs. 202 a 205; Tomo 44, págs. 229, 231 a 241, e 242-243; Tomo 45, págs. 266-267, 268 e 271; Tomo 46, págs. 297, 300 e 306 a 316; Tomo 47, págs. 327-328 e Tomo 48, págs. 360, 363, 367, 373 e 377.
- 50 **«Festa da Infantaria.** Comemoração do esforço da arma na Grande Guerra, em Angola, França e Moçambique e glorificação dos seus mortos, na Escola de Tiro de Infantaria. Mafra, 12 de Março de 1922» — folh. 52 p., il. com uma reprodução da lápide comemorativa dos mortos da arma, do escultor Anjos Teixeira (0,092×0,200), Tip. da Guarda Nacional Republicana, 1923. (Contém 9 discursos e alocuções).
- 51 **Figueira (Joaquim F. de)** — «Pró Pátria» — folh. 32 p. (0,085×0,155), Imprensa Académica, Coimbra, 1919.
- 52 **Forjaz de Sampaio (Albino)** — «A Avalanche. A margem da Grande Guerra» — 220 p., (0,033×0,134), Tip. da Imprensa Portuguesa, Porto, 1918. Edição da Empresa Literária Fluminense, Lisboa.
- 53 **Franco (Sizenando António de Chagas)** — (Major de Infantaria) — «As Sacrificadas. Memórias de uma Madrinha de Guerra» — 220 p. (0,033×0,134), Impr. de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d. (1922). Edição da livraria Guimarães & C.ª, Lisboa.
- 54 **Idem** — «Na Guerra e na Paz» — 280 p., il. com en-lêtes e pequenos ornatos a fechar os capítulos, c. il. com meio pórtyco manuelino (0,090×0,170), Imprensa Nacional, Lisboa 1920.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Comissão de História Militar

Foi recentemente instituída esta Comissão, que se propõe reunir elementos para a organização da História Militar Portuguesa.

Louvável é o intuito, e muito há a esperar dessa Comissão, dada a categoria intelectual de muitas das individualidades civis e militares que a constituem. Reparável se torna, porém, que o respectivo professor da matéria na Escola Militar nem tivesse sido convidado.

Esquecimento tão melindroso, é justo que se repare com urgência, ao menos para decência do nosso primeiro estabelecimento de ensino militar.

A não ser que a referida Comissão ainda não esteja, de facto, oficialmente constituída, como de boa fonte nos constou...

Aguardemos.



CORONEL MÁRIO DE CAMPOS

Professor de História Militar da Escola Militar de Lisboa

Redução do funcionalismo

Não há ainda sobre este assunto, que julgamos inadivél, uma ideia firme e concisa. A redução do funcionalismo impõe-se para bem da situação material do próprio funcionalismo. Sem boa remuneração não há estímulo e sem estímulo não há trabalho útil. Convém, no entanto, que antes de se pensar em reduzir se pense em reorganizar. O contrario é dislate.

Tenente Ávila Madruga

Deste ilustre oficial de artilharia a pé, um dos mais valentes da Grande Guerra, condecorado com a *Military Cross* e a *Cruz de Guerra Portuguesa*, publicaremos no próximo número um curioso extracto duma conferência recentemente realizada num dos fortes do C. E. L. sobre Aeronáutica Militar.

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARIA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDO

TRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA"

COM ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

(CONTINUAÇÃO)

SEXTINDO-SE vencida, tratou de ganhar o cego à sua causa; nunca havia estado tão carinhosa com ele. «Pobrinho meu — dizia-lhe —, que por essas malditas velhacas ainda te has-de ver na rua pedindo de porta em porta o pão da tua boca! Tu pai deu em louco, louco!... Dá-lhes quanto querem... Milhares de pesos... Assim, até blasas de seda leva aos domingos essa fanhosa... Blasas de seda!... Quando eu nunca tive nenhuma! E o banana do teu pai supora que foi ele o primeiro... Sim, sim, o primeiro... Ainda ela não tinha doze anos e já a encontravam ao anoitecer pelos portais com todos os rapazes da aldeia.» E continuava amontoando calúnias e calúnias à conta do comportamento da pobre rapariga. Jaime cria firmemente quanto ela lhe contava e sentia o ódio mais vivo pelo objecto daquele derradeiro amor de seu pai.

A notícia do casamento foi como uma bomba. A Filomena disseram-lho uma tarde na rua; tornou a casa, correndo, e mal entrou caiu na cozinha com um espantoso ataque de nervos. Teve que estar dois dias de cama. Tais coisas soube dizer depois ao cego; de tal modo lhe pintou o que seria a sua vida ao lado de uma madrastra como aquela, senhorita feita à pressa, que empregaria todo o seu orgulho em o maltratar, pois saberia que não tinha sido do seu agrado o casamento; que teria um filho cada ano, Deus sabe de quem, mas que viriam ocupar o primeiro lugar na casa e herdariam com ele, que Jaime, certo dia, depois de comer, decidira-se a falar com seu pai e dizer-lhe tudo que lhe tinha inspirado Filomena.

D. Gaspar, muito contente, fumando o seu charuto, dispunha-se a sair para casa da noiva; Jaime começou a falar com muita timidez, mas pouco-a-pouco, com grande assombro seu, chegou a fazer-se senhor de si, foi dizendo tudo: o ridículo daquele casamento de velho e menina que fazia rir todo o povo; a vergonha de que uma mulher operaria sem educação, viesse ocupar o lugar de sua mãe; por último a decisão que tinha tomado de sair de casa, para viver ainda que fosse de esmolas, para não ter de tratar como madrastra a uma mulher como aquela.

O pai, cego de furor, quasi que lhe tinha deitado as mãos ao pescoço; imediatamente tinha compreendido donde vinha aquilo, que o cego, com o seu carácter doce e aponeado, era incapaz de ter ideado sozinho. Saiu da sala de jantar como uma fera, chamando por Filomena com vozes espantosas; em seguida tinha-lhe metido nas mãos a soldada, obrigou-a a recolher a roupa; e sem fazer caso dos seus tremendos gritos, que iam congregando os vizinhos diante da porta da rua, tinha-o obrigado a sair de casa, sem lhe dar tempo nem para se despedir de ninguém. Filomena, no meio de um coro de curiosas comadres, tinha ido rua abaixo chamando as mais espantosas maldições.

Aquela brutal scena, que o tinha deixado a tremer de medo, esgotou todas as energias do cego. Encerrou-se então em um hostil silêncio do qual não saiu, nem depois da boda, quando a fresca voz e os risos de Generosa vieram alegrar o sombrio convento que habitavam. A rapariga, ao primeiro instante, tinha tratado de ganhar o afecto do cego; mas foram tais as suas friezas e desdões que também ela acabou por lhe não dirigir palavra.

Veio depois a enfermidade do pai e com ela os ternos cuidados de Generosa. O pobre senhor já não tinha palavras senão para a bem-dizer e louvã-la. Para dar gosto ao pai, Jaime tinha acabado por falar-lhe com algum affecto.

Isso sim — pensava o cego —, não era possível negar-se a reconhecê-lo. Ela ter-se-ia casado por interesse ou pelo que fosse, mas nem a melhor filha teria cuidado com maior carinho do enfermo. As últimas palavras de D. Gaspar haviam sido para lhe recomendar que não se abandonassem nunca, que fossem sempre um para o outro como irmãos.

Passaram três meses. Chegou com suas alegrias o San-João. Um alvoroçado bando de anjinhos, que se aninha debaixo dos escuros alpendros do convento, desperta a Jaime todas as manhãs com o ardente coro de seus cantos e provoca na sua alma uma tibia e vaga esperança de ditas desconhecidas.

Por volta das sete, costume adquirido no tempo das missas gregorianas, ouve uns passos amigos que se acercam pelos corredores, umas pancadas suaves com os nós dos dedos na sua porta:

— «Pode-se entrar, senhor dorminhoco?»

Jaime não o confessava, mas eram para ele um verdadeiro regalo aquelas visitas.

— «Não te envergonhas de estar ainda na cama? Eu já venho da missa. Toda a aldeia está cheia de gente; todas as lojas abertas, e tu ainda entre os lençóis.»

Sem interromper a sua tagarellice, escova-lhe o futo, limpa-lhe o calçado. Porém não hão-de durar muito aquelas visitas. Generosa regressa a sua casita da praça do Conde, cerrada desde o falecimento de sua mãe, pouco depois do seu casamento, e o cego ficará só no velho e lúgubre casarão familiar. Faria mês e meio que lhe morrera o marido, quando Generosa, que continuava a notar certa frieza e tensão no trato do cego, disse a D. Indalécio que queria voltar para casa.

O bom do homem escandalizou-se:

— «Que loucura! Viver sósinha uma rapariga de vinte anos! Que dirá o mundo! Abandonar assim ao pobre cego!

— «Se o fuço é por ele. Quanto a mim... Avé-Maria! Por toda a vida saíria desta casa! Mas pergunte-lhe a ele se não quer que eu me vá.»

— «Ha-de agora querer! Só se fosse louco!

— «Pergunte-lhe, pergunte-lhe e já verá...»

E Jaime, quando o seu tutor lhe falou, disse que, ainda compreendendo como Generosa era boa, preferia que cada qual vivesse em sua casa. Não se deixou convencer por nenhuma das razões que lhe deu D. Indalécio em repetidas conversas. Ainda que o não confessasse, era para ele um grande sacrificio privar-se da companhia de Generosa, que lhe proporcionava tranquilas alegrias e docuras nunca conhecidas antes; mas parecia-lhe sagrado dever seu para com a memória de sua mãe separar-se de quem tinha vindo ocupar o seu lugar na casa. Em vão se esforçou D. Indalécio por tirar-lhe tal ideia da cabeça. Jaime aferrava-se ardentemente a ela com tanta paixão como a um princípio religioso.

(Continua).

FIGURAS DO MÊS:



MANUEL TEIXEIRA GOMES
NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

INICIANDO a sua nova secção — *Figuras do mês* — a Alma Nova saúda no eminente estadista eleito para o mais alto cargo da magistratura nacional, Sr. Manuel Teixeira Gomes, a gloriosa província que lhe foi berço, e faz votos para que o seu facto político consiga, não só libertar o país da irreparável catástrofe que o espreita, mas ainda encaminhar os governos do seu quadriénio a uma mais acentuada dedicação pelos interesses das Províncias.

Além de colado político e verdadeiro homem de Estado, o ilustre sucessor do Sr. Dr. António José d'Almeida no Palácio de Belém, e não só um dos espíritos portugueses mais brilhantes e cultos da nossa elite intelectual, mas ainda, de certo, um patriota sincero. Como escritor, os seus livros têm merecido excelentes peças laudatórias de escritores da nomeada de Fialho d'Almeida e Molheiro Dias, não hesitando o próprio Sr. Fidelino de Figueiredo, um dos nossos maiores e mais exigentes críticos literários da actualidade, em reconhecer-lhe predicados muito apreciáveis, como: «distinto poder de visão plástica e colorista»; notável «observação pictórica», e «certo humorismo gracioso».

O Sr. Teixeira Gomes nasceu em Vila Nova-de-Portimão, a 27 de Maio de 1862, e fez os seus estudos até ao 1.º ano da Universidade, que frequentou em Coimbra.

A literatura, os negócios e o amor das viagens, cedo o absorveram demasiado para que se decidisse completar um curso.

Veio a República e foi nomeado ministro de Portugal em Londres, função que desempenhou, com pequenas intermitências, até à sua actual eleição para Presidente.

O seu longo convívio com uma das côrtes mais protocolares da Europa e com a qual mais íntimas relações Portugal hoje precisa manter, devem ter-lhe desenvolvido suficientemente o seu criterioso espírito de diplomata, para que deva saber desempenhar-se, útilmente para o país, das altas funções governativas de que foi investido.

M. M.

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA"

"DA VERDADE"

POR JOÃO JOSÉ GOMES

(ESCUPTOR)

A Mulher:

O homem é Pensamento; a Mulher é Sentimento.

Ora, ¿o que faz sentir mais o prazer ou a dor: um pensamento ou um sentimento?

Um sentimento.

O sentir uma dor é sempre mais doloroso do que pensar numa dor; como o pensar num prazer é sempre menos embriagante do que sentir um prazer.

Por isso a Mulher é superior ao Homem.

Podemos mesmo dizer que a Mulher é superior, intelectualmente, ao Homem, porque o próprio sentimento é uma manifestação intelectual.

O Homem, à medida que vai avançando na civilização, vai sentindo mais, — porque é mais Perfeito.

Lego, a Mulher, por sentir mais, vai ficando mais perfeita também do que ele.

Dizem que a Mulher é fraca, justamente por ser mais sentimental.

A fraqueza da Mulher é a sua Força.

O Suicídio:

O suicídio pode vir da luta com as necessidades, ou da luta com os próprios pensamentos.

Numa sociedade onde os homens possam satisfazer todas as necessidades físicas, não deixará de haver suicidas, — a não ser que nessa sociedade seja desconhecido o Pensamento....

O homem profundamente intelectual pode ser levado à doidice, ou ao suicídio.

Porque a luta intelectual é um fogo, e quanto mais intelectual for o indivíduo mais sente no seu interior essa luta.

¿E o fogo grande de ela não poderá conduzir ao suicídio?!



"O NATURISTA"

ESCUPTURA DE João José Gomes

Para o livro «Da Verdade», a sair

Temos uma prova no grande Antero!

Antero foi o que será um dia a Humanidade, intelectualmente. Nesse dia será a Morte adorada sobre todas as coisas...

A Moral:

¿Qual é o fim da Moral? Mostrar as consequências do Amor e do Ódio, e tirar delas a ilação; mostrar as funções do Corpo e do Espírito, e tirar delas a ilação.

E assim por diante...

O Medo:

O encarnado-vivo, translúcido, é o Medo...

O verde-vivo, translúcido, é a Ousadia...

A actual bandeira portuguesa é um pouco a psicologia do Povo Português: Tem medo e é ousado!

O Medo é um sinal de perfeição intelectual, é o medo que estimula o sentimento.

Bendito seja o medo!

As Ideias:

As Ideias fazem o Pensamento; Os Sentimentos fazem a Força Evolutiva.

A Força Evolutiva é, pois, o nosso Sentimento!

¿Quem te manda ter Ideias?

— O meio em que vives.

¿Quem te manda ter Sentimentos?

— As Ideias!

Há infinitas correntes magnéticas na atmosfera, correntes que nos fazem agir num dado sentido...

Essas correntes são a «Ordem» de Deus, para alguns; é a Fatalidade, para outros; e é o Acaso, para outros ainda.

Para mim, são correntes atmosféricas.



CRISTO, POR João José Gomes

Para o livro «Da Arte»

(Pormenor)

JOÃO JOSÉ GOMES.



LIVROS



Balanço do Outono

Agora que esta quadra está no seu termo, não será talvez ousado fazer-lhe um rápido balanço.

Começemos:

Poesia. — Foi esta, como sempre, a verdadeira *Lengua* da época. Mas demonstração de novos, apenas; os velhos, os consagrados, vão emudecendo — ou reservam-se. Dentre os livros destes merece especial menção apenas *Sinal da Sombra*, de Alberto Osório. Dos novos: *De Longe*, de Castano Campos; *Para Além...*, de Macedo Lopes, e ainda o poema do director desta revista — *Minha Pátria* —, onde Afonso Lopes Vieira, príncipe lusiada das letras, diz ter encontrado «belos versos» e «o belo amor da nossa terra expresso com fervor e anseio puro» e onde um dos nossos mais exigentes estilistas da actual aristocracia literária, o sr. Dr. Jílio Dantas, vê *manter-se viva a esplêndida tradição da poesia algarvia*.

Prosa. — *Canção dum Vagabundo*, do Dr. Ricardo Jorge, e *Do Heroísmo, da Elegância e do Amor*, do Dr. Jílio Dantas, foram, em prosa, os dois verdadeiros livros da época. Ambos são temas leves; bater de asas que recolhem. Citado deve ser ainda o livrinho do alferes António Metelo, sob o título *Timor, fantasma do Oriente*, e o *Sumário de várias crónicas*, de André Brun, que plenamente justifica os créditos humorísticos do autor de *Os meus domingos*, do *Diário de Notícias*, e doutras obras que já passaram ao domínio das reedições rendosas.

Teatro. — No cartaz, apenas um original de êxito — «A Fera», de Ramada Curto; o resto traduções. O «Mar Alto» de António Ferro deu em marésia pornográfica (?). Nas montas, alguns belos números da revista *De Teatro* e o volume *Teatro*, de Raul Brandão. Pouco mais, que valha referência.

No próximo número iniciaremos a publicação duma estatística do movimento literário e científico em Portugal, com preciosos documentos bibliográficos das principais casas editoras e de depósito de todo o País.

Passemos à apreciação das obras recebidas:

«**Ritual do Amor**», novela de José Dias Sancho.

Em vez de *novela* devia antes intitular-se *teatro*, este pequeno trabalho.

A novela tem menos diálogo, menos movimento, menos intensidade dramática, — é mais intimista.

José Dias Sancho, que é um dos mais talentosos escritores da nova geração, vai na esteira dos defeitos desta. O *Ritual*, sendo aliás bem trabalhado, é assim, embora o melhor número de toda a efêmera colecção da *Hora Novesca*, a peor produção literária da nova fase de Sancho.

E porque o autor para triunfar não precisa nunca escolher assuntos escabrosos, nem menos próprios para serem postos em letra redonda, daqui o censuramos muito lealmente, não sem o felicitar, no entanto, pela firmeza do estilo, que achamos capcioso, bem trabalhado, próprio do autor dos *Ídolos de Barro*.

«**Noite de Natal**», um acto, por Assis Esperança:

Já algures dissémos que o teatro português está em crise. O ensaio regionalista em um acto — *Noite de Natal* — que temos presente, da autoria do sr. Assis Esperança, em nada altera uma tal afirmativa. As opiniões do prefácio podem ser muito conscienciosas, não o negamos, a pequena mostra que o autor a seguir nos dá é que não vemos, todavia, um cunho de realização assés viável. E' necessário não pretender fazer regionalismo *d'outrance*, aproveitando, à conta de virtudes, o que são apenas defeitos locais. De contrário vamos cair nos mesmos dislates dos que pretendem transportar as scenas da Alfama, e quejandas, para o palco do San-Carlos, e não sabemos mesmo se, dentro em breve, do próprio Nacional.

Técnicamente a peça é bem feita, revela qualidades, tem acção.



ASSIS ESPERANÇA

Se bem que entre o romance e a dramaturgia haja inúmeros pontos de contacto, Assis Esperança, romancista de créditos já firmados com dois belos volumes de duzentas e tal páginas, cada, e algumas curiosas novelas, como «O Rebano» e «O Vencido», não procede talvez bem, deixando-se absorver demasiado pelas seducções do teatro.

Que meta mais diálogo, mais intensidade, que movimento mais, enfim, os capítulos dos seus romances futuros, aconselhável será, mas que não deixe nunca de fazer romance. Pois não são «A Vertigem» e «Viver!» dois marcos seguros a balizarem-lhe já um caminho de triunfos neste tão difícil género literário?

"O Colar", três actos por Rodrigues Alves.

O sr. Rodrigues Alves é um moço jornalista de qualidades, que da imprensa e para a imprensa vive. A sua literatura ressona-se d'esse ergástulo.

O *Colar*, que talvez d'esse matéria para três fortes actos de análise social, transforma-se assim em três gotas de champagne caindo levemente na embriaguez da nossa sensibilidade. Um xadrez que se arma e a vida que corre, com todos os improvisos e baixuras duma vida de falsos mundanismo. Estruturalmente bem conduzida, a peça agradou, manteve-se no cartaz, conquistou para o autor justos foros de dramaturgo.

"Da Arte", por João José Gomes.

O sr. João José Gomes é um jovem escultor português, cujas ideias e preceitos de arte são muito digna mostra de talento.

O seu curioso livrinho *Da Arte*, que com tão nobre e afectuosa dedicatória — «A' bela e sensata Revista «Alma Nova», tão necessária ao equilíbrio espiritual moderno» — nos acaba de ser enviado, é uma feliz colecção das suas opiniões estéticas, onde o artista revela raro senso e muita erudição.

Livros e publicações recebidas e a apreciar no próximo número:

Terras de Fogo e Vizinhos do Mar (2.^a edição), por Julião Quintinha; *Eclogas de Bernardim Ribeiro*, por Marques Braga; *Os deuses extinguem-se...*, por Archer de Lima; *Campanhas Camilianas*, por Oldemiro César e Cruz Magalhães; *O Inverosímil, Conferência proibida*, por Cruz Magalhães; *Minha Pátria*, poema em 3 livros e 3 jornadas, por Mateus Moreno; *A Educação Moral pelos exercícios de redacção* (com a metodologia d'este ensino), pelo Dr. José Guerreiro Murta, e as revistas *Águia*, do Porto; *Os Açores*, de Ponta-Delgada, e a *Seara Nova*, de Lisboa.

Livros... Livros... Livros...

Visitei a *Livraria Sá da Costa*, onde se encontram livros sobre todos os géneros e em todas as línguas, e, quando não tenha em depósito, encarrega-se de mandar vir de todos os países, com a maior rapidez e economia.

Especialidade em: Literatura, Livros Técnicos, Livros antigos e modernos, Livros de ocasião, com grande redução de preço.

Livros para todas as Escolas do País.

Livraria Sá da Costa

Poço Novo, 24

2, Travessa do Convento de Jesus, 6
LISBOA

Telef. C. 3841.

Biblioteca da "ALMA NOVA"

(Edições Ressurgimento)

Sangue d'Epopeia — <i>A Artilharia Portuguesa na Flandres</i> , por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. illust., broc.	4\$00
De Portugal à Flandres, id., id.	1\$00
Sinfonia Macabra — <i>Máximas da Kultur</i> , id., id., broc.	1\$00
Minha Pátria — <i>Poema em 3 livros e 3 jornadas</i> , id., id., 2. ^a edição, cada livro.	1\$00
Obra completa: } brochado	3\$00
} cartonado	7\$00
Pátria e Exército — <i>Oração da bandeira</i> , id., onusc., (esgotado).	
Cantigas (2. ^a edição), por REBELO DE BETTENCOURT. 1 vol. broc.	2\$50
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo	5\$00
A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils.	1\$50
O Inverosímil — <i>Conferência proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE</i> , por CRUZ MAGALHÃES.	2\$00
A Educação Moral — <i>Pelos exercícios de redacção</i> , (com a metodologia d'este ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA	4\$00
O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO; edição profusamente ilustrada (a entrar no prelo).	
Eça de Queirós — <i>Revelações íntimas</i> , por D. C. D'EÇA DE MELO, edição ilustrada (a entrar no prelo).	

Vendas à C. João do Rio, S.-L. — Lisboa

: : Os melhores cursos : : de Escrituração e Contabilidade

Para se conseguir um bom lugar no comércio bastam três ou quatro meses de estudo feito em casa. Tais são as enormíssimas vantagens dos cursos professados no

Instituto Nacional

DE

Ensino por Correspondência

L. Trindade Coelho, 6 — LISBOA

que tem alunos em todo o continente, ilhas, colónias, Brasil, Estados Unidos da América e outros países.

Enviam-se gratuitamente todas as condições de matrícula e prospectos contendo os melhores testemunhos da rapidez, eficácia e economia dos cursos referidos.

Quere dinheiro?

Jogue no

Gama

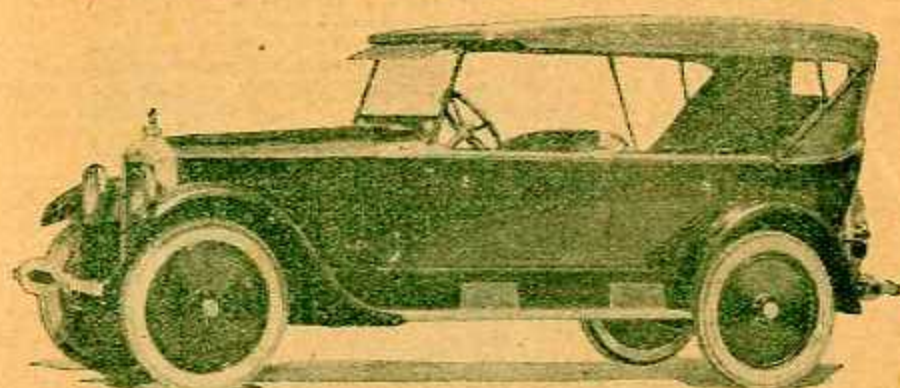
R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

AUTOMÓVEIS STUDEBAKER

DA SÉRIE 1924, JÁ EM PREPARAÇÃO



Como os das duas séries anteriores, são resistentes, económicos, elegantes nas suas linhas inconfundíveis, e oferecem o máximo conforto. Novos e importantes melhoramentos na sua mecânica.

Três tipos de chassis com 12 carroseries diferentes.

C. SANTOS, L.^{DA} STAND — Rua Nova do Almada, 86 a 90
LISBOA ESCRITÓRIO — Rua Nova do Almada, 80

OURIVESARIA DOS ACÚRCIOS

: DE JACINTO BOTELHO MONIZ, SUCESSOR :

ESTA É A OURIVESARIA MAIS BEM MONTADA E A QUE
 : : : : : MAIS BARATO VENDE NOS AÇORES : : : : :
 ESCOLHIDO E VARIADO SORTIMENTO DE ARTÍSTICAS
 JOIAS E GRANDE STOCK DE TODA A ESPÉCIE DE ARTI-
 GOS DE OURO, PRATA, PRATA E CRISTAL, EM ESTOJOS.

E PRÓPRIOS PARA BRINDES:

Serviços de prata, para chá, para *toilette*, centros de mesa, Corôas
 do Espírito Santo, etc., executando qualquer encomenda destas Co-
 : : : : : rões dentro de trinta dias : : : : : : : : : :

COMPRA BRILHANTES E DIAMANTES, PEDRAS PRECIO-
 SAS E OBJECTOS USADOS DE PLATINA, OURO E PRATA,
 : : : : : PELOS MELHORES PREÇOS : : : : :

32, LARGO DA MISERICÓRDIA, 34

San-Miguel, Açores

PONTA-DELGADA

LEIA
E
ANUNCIE
NA

"SANGUE D'EPOPEIA"
POR MATEUS MORENO

ASSINE
E
RECOMENDE
A

A

L

M

A

::

N

O

V

A



A

L

M

A

::

N

O

V

A

E' O ÚNICO
VERDADEIRO LIVRO
DA

**ARTILHARIA PORTUGUESA
NA FLANDRES**

Autorizadas em Ordem
do Exército todas as uni-
dades a adquirir 1 exem-
plarete



Edição profusamente
ilustrada

Preço, franco porte:
Esc. 4\$00.

:: Depósito: C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA ::

O VERDADEIRO
CATECISMO DE
TODO O BOM
PORTUGUÊS É

"Minha Pátria"
Poema em 3 Livros e 3 Jornadas
POR MATEUS MORENO

OBRA COM-
PLETA:
Broch. 5\$00
Cart. 7\$00